

Introdução. *Caetobriga*: uma cidade fabril e polinucleada na foz do Sado

JOAQUINA SOARES
CARLOS TAVARES DA SILVA

Introdução

Até às intervenções de arqueologia urbana desenvolvidas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), no âmbito do projecto de investigação sobre as preexistências de Setúbal, a partir de meados dos anos 70 do século XX, o paradigma dominante situava *Caetobriga* em Tróia. As ruínas de uma cidade antiga na margem esquerda da foz do Sado, que André de Resende (1593) visitou e muito provavelmente baptizou de Tróia no ambiente renascentista da segunda metade de quinhentos (quicá por inspiração dos textos homéricos), seriam igualmente motivação, em pleno Romantismo, para a fundação, em Setúbal, da Sociedade Archeologica Lusitana com o propósito da escavação e estudo daquela jazida e da criação de museu monográfico:

“Na margem esquerda do Sadão, e não longe da foz do mesmo, jazem dispersas as ruínas de uma cidade, que os antiquários supõem ser a antiga Cetobriga. Não é possível andar por entre aquellas ruínas; achar alli com pasmosa facilidade moedas romanas; vêr na extensão de quasi uma legoa os destroços dos edificios; encontrar agora fragmentos de amphoras; logo lâmpadas de barro; aqui troços de marmore; acolá vasos de diferentes feitios; não é possível, dizemos nós, vêr, examinar e estudar tudo isto, sem que ao mesmo tempo se sinta nascer e crescer na alma um sentimento de curiosidade, um desejo intenso de explorar estas ruínas, e investigar a causa que as produziu, visto que os livros sómente nos dizem que por alli existira uma cidade, que tinha o nome de Cetobriga.

“Como desapareceria Cetobriga? Cairia por decadência do commercio e abandono sucessivo?

“Que lição nos estão dando suas ruínas? Attestarão os efeitos da guerra? Estarão alli como exemplo da punição de grandes erros? Quem o sabe?! Seria talvez um cataclismo, uma irrupção violenta do mar, um terremoto que subvertesse a cidade? Estarão alli sepultadas as riquezas de seus habitantes? Por que se não ha de fazer alli uma excavação? Oh! as ruínas são sempre uma página sublime do grande livro da Humanidade! Mal haja quem as não estuda, quem as não compreende, quem compreendendo-as não aproveita suas lições!”

SAL, 1850, p. 2-3

De entre o numeroso espólio móvel que foi sendo exumado das “ruínas” de Tróia, durante as escavações antigas, reproduzimos aqui a ânfora Dressel 14 publicada por Gama Xaro em 1860, no *Archivo Pittoresco* (Fig. 1) e a taça de prata então depositada na residência do duque de Palmela (Fig. 2), publicada no vol. I dos Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana, p. 4-8, a que foi atribuída significado religioso, face à presença de decoração relevada com figuras mitológicas “vermiculadas de ouro” (SAL, 1851, p. 19), em que se destacam elementos marinhos e o tridente associado a Neptuno. Teria pertencido ao conteúdo de “um pequeno caixão de chumbo” posto a descoberto pela erosão fluvial no inverno de 1814.

Os achados romanos da área urbana de Setúbal (Fig. 3) identificados por José Marques da Costa, em 1957 (Costa, 1960), ao longo de cerca de 700m da margem direita da baía, não lograram alterar aquele paradigma. O achado mais notável, e com maior impacto na opinião pública, dessa extensa visitaçao ao subsolo arqueológico de Setúbal, ocorreu na Rua Fran Paxeco (antiga Rua Direita de Tróino) e consistiu em: ânfora fragmentada e não recupera-



Fig. 1 – Ânfora Dressel 14 de Tróia, publicada por Gama Xaro, membro fundador da Sociedade Archeologica Lusitana, em 1860, no *Archivo Pittoresco*.

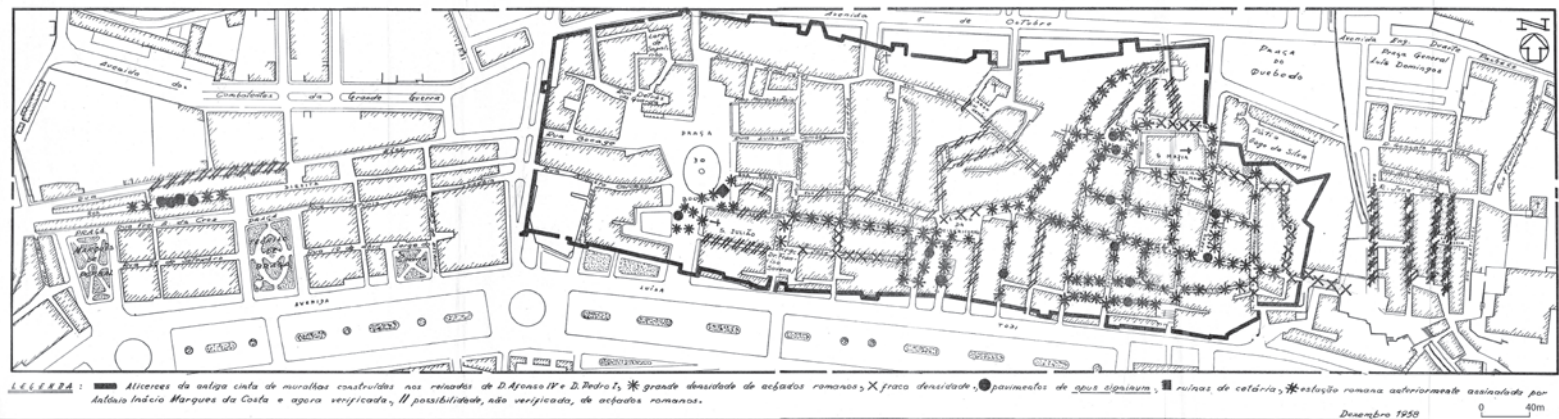
da com um tesouro monetário de que foi possível recolher 11091 numismas, depositados no Museu do Convento de Jesus; ânfora completa (Fig. 3C) da forma Beltran 65A (Coelho-Soares & Tavares da Silva, 1978), contendo um tesouro de 7091 moedas do século IV d. C., depositado no mesmo museu. As 18181 moedas recuperadas foram estudadas e publicadas em 1975 pelo coronel J. A. de Carvalho Fernandes, que concluiu serem todas de bronze (médios e pequenos bronzes) e, com raras exceções, respeitarem à “Casa de Constantino Magno e Sucessores”. Exceptuando um exemplar de 187 a 155 d. C., os restantes numismas foram cunhados entre 253 e 363 d. C. Estes achados numismáticos apontam, como outros indicadores arqueológicos, para a crise e insegurança que se instalou, na Setúbal romana, na segunda metade do séc. IV.

Fernando Bandeira Ferreira (1959) considerou os achados romanos de Setúbal como depósitos secundários associados a operações de secagem de sapais e desvalorizou publicamente as

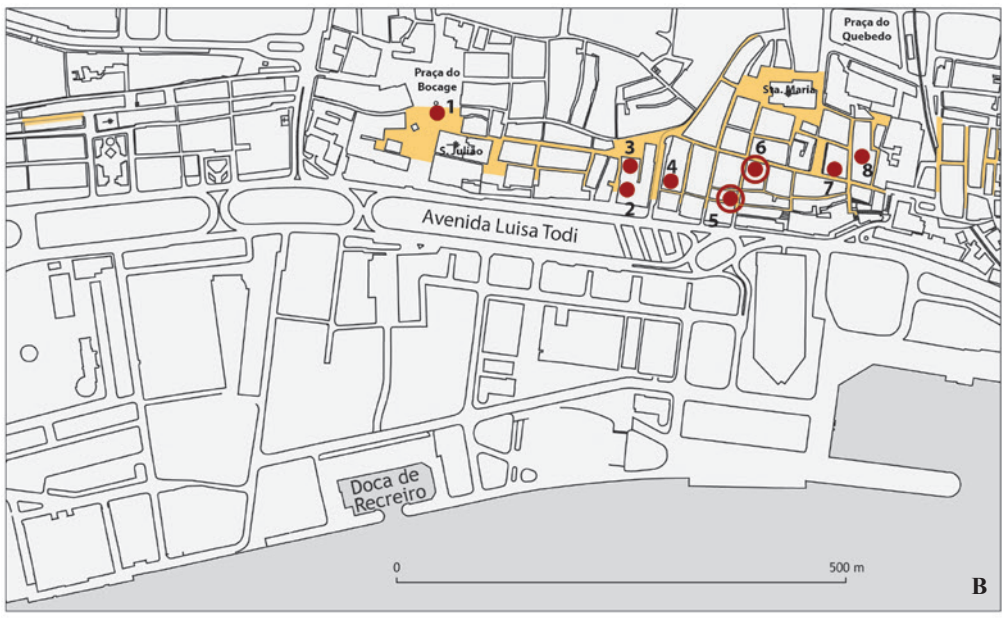


Fig. 2 – Taça em prata então depositada na residência do duque de Palmela, muito provavelmente proveniente de contexto funerário de Tróia e publicada pela Sociedade Archeologica Lusitana em 1851 (SAL, 1851, p. 19).

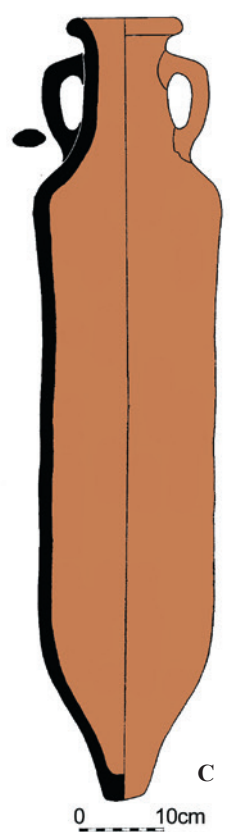
LOCALIZAÇÃO DOS ACHADOS ROMANOS NA CIDADE DE SETÚBAL



A



B



C

- Distribuição dos vestígios romanos segundo J. Marques da Costa, 1960.
- Principais contextos arqueológicos com ocupação romana escavados e publicados pelo MAEDS.
- ⊙ Vestígios de mosaicos romanos.

1 - Praça de Bocage; 2 - Travessa de Frei Gaspar; 3 - Largo da Misericórdia; 4 - Travessa de João Galo, nºs 4-4B; 5 - Rua António Joaquim Granjo, nº 19; 6 - Rua Arronches Junqueiro, nº 73-75; 7 - Rua Arronches Junqueiro, nº 32-34; 8 - Rua Francisco Augusto Flamengo, 10-12.

Fig. 3 – A-Distribuição dos vestígios romanos observados por José Marques da Costa, quando das obras de saneamento básico de 1957 (Costa, 1960); B-confirmação do mapa anterior pelo projecto “Preexistências de Setúbal”, desenvolvido pelo MAEDS, onde se assinalam os principais contextos romanos escavados e publicados. C- ânfora tardo-romana (Beltran 65A) encontrada na Rua Fran Paxeco, em 1957, repleta de moedas datadas do século IV (Fernandes, 1975).



Fig. 4 – Principais intervenções arqueológicas desenvolvidas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, na área urbana de Setúbal: 1 - Rua Francisco Augusto Flamengo, 10-12; 2 - Travessa dos Apóstolos; 3 - Rua Arronches Junqueiro 32-34; 4 - Rua Arronches Junqueiro 73-75; 5 - Rua António Joaquim Granjo; 6 - Rua António Joaquim Granjo, 19 (Casa dos Mosaicos); 7 - Travessa de João Galo, 4-4B; 8 - Largo da Misericórdia; 9 - Travessa de Frei Gaspar; 10 - Travessa da Portuguesa; 11 - Av. Luisa Todi (edifício BCP); 12 - Rua Major Afonso Pala; 13 - Rua Álvaro Castelões; 14 a 16 - Rua António Januário da Silva; 17 - Rua Serpa Pinto; 18 - Avenida 5 Outubro; 19 - Rua Luís de Camões; 20 - Praça de Bocage / Av. Luisa Todi (edifício Montepio); 21 - Praça de Bocage; 22 - Largo do Sapa-linho; 23 - Praça de Bocage/Loja Chiado; 24 - Rua de Bocage / Rua Augusto Cardoso (edifício da Vinícola/Benetton); 25 - Beco de Dona Maria; 26 - Av. 22 de Dezembro; 27 - Rua Augusto Cardoso; 28 - Praça Miguel Bombarda/Largo do Convento de Jesus; 29 - Rua Acácio Barradas, 2; 30 - Rua António Maria Eusébio; 31 - Praça Machado dos Santos/Largo da Fonte Nova; 32 - Largo António Joaquim Correia; 33 - Baluarte da Nossa Senhora da Conceição; 34 - Av. Luisa Todi, nos. 170-178; 35 - Av. Luisa Todi, 266-272/Largo da Ribeira Velha.

observações de J. Marques da Costa, usando o infeliz argumento de *Magister Dixit*. Fernando Bandeira Ferreira localiza então *Caetobriga* no castro sidérico de Chibanes, o que respondia aos pressupostos do sufixo *briga* de origem celta, significando colina eventualmente fortificada, e propõe a sua migração para Tróia no período romano imperial, quando o sítio de Chibanes foi abandonado; persiste, apesar das evidências materiais postas a descoberto por José Marques da Costa, na ideia de que não existia qualquer estabelecimento estável na margem direita da foz do Sado. Fernando Castelo-Branco (1954, 1963) apoia a hipótese de localização de *Caetobriga* defendida por F. Ban-

deira Ferreira, muito embora reconheça a existência em Setúbal de “um pequeno povoado lusitano-romano” sem escala para corresponder à cidade de *Caetobriga*.

As intervenções arqueológicas realizadas pelo MAEDS na área urbana de Setúbal (Fig. 4) vieram precisamente comprovar a existência de uma povoação romana (Fig. 5), tendo a distribuição dos seus vestígios ocupado não só o subsolo do burgo medieval muralhado, mas também o dos arrabaldes de Troino e Palhais, em uma extensão linear com cerca de 700m.

Porém, tão importante quanto a identificação da Setúbal romana foram os estudos sobre a presen-

ça romana a uma escala regional promovidos e/ou participados pelo MAEDS, nomeadamente na Ilha do Pessegueiro (Tavares da Silva & Soares, 1993), área urbana de Sines (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 2006), castelo de Alcácer do Sal (Tavares da Silva *et al*, 1980-81), Península de Tróia (Étienne, Makaroun, & Mayet, 1994; Mayet & Tavares da Silva, 2000a; Soares, 1980; Soares & Tavares da Silva, 2012), olarias romanas da margem direita do Sado (Coelho-Soares & Tavares da Silva, 1979; Mayet & Tavares da Silva, 1998, 2002, 2010, 2016; Mayet, Schmitt & Tavares da Silva, 1996), calçada romana do Viso (Tavares da Silva & Soares, 1986), estabelecimento do Creiro (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 2016; Detry & Tavares da Silva, 2016), que permitiram a obtenção de uma visão coerente sobre a romanização à escala do Baixo Sado (Fig. 6); só a esta escala seria possível pensar *Caetobriga* como uma cidade polinucleada, cujo principal núcleo administrativo se teria situado no território da actual cidade de Setúbal, mas cujos principais sectores produtivos da fileira de preparados piscícolas



Fig. 5 – Localização de *Caetobriga* (Setúbal) no Sudoeste da Península Ibérica, em mapa de Mantas, 1999, adaptado.

- Fronteira de província
- Fronteira de *conventus*



Fig. 6 – Localização de *Caetobriga* (Setúbal), no contexto arqueológico da ocupação da época romana do Baixo Sado: 1 – Barrosinha; 2 – Alcácer do Sal (Salacia); 3 – Bugio; 4 – Enchurrasqueira; 5 – Abul; 6 – Pinheiro; 7 – Zambujalinho; 8 – Santa Catarina; 9 – Quinta da Alegria; 10 – Pedra Furada; 11 – Setúbal (*Caetobriga*); 12 – Alferrar; 13 – Pedrão; 14 – Chibanes; 15 – Paineira das Almas (Azeitão); 16 – Comenda; 17 – Rasca; 18 – Outão; 19 – Creiro; 20 – Sesimbra; 21 – Tróia. Adaptado de Soares, 2008.

se localizariam, por um lado, em Tróia (oficinas de salgas e molhos de peixe), e, por outro, na margem direita do Sado (olarias de ânforas) a jusante de Alcácer do Sal, pontuando com as suas manchas florestais e cais o rebordo do extenso salgado que, com a riqueza piscícola da região, fizeram a fortuna de *Caetobriga*, cidade de artérias aquáticas.

Destacamos de entre as numerosas escavações de arqueologia urbana levadas a efeito pelo MAEDS, pelos significativos contributos trazidos a esta problemática, as intervenções, dirigidas pela signatária e por Carlos Tavares da Silva, que a seguir se apresentam resumidamente (Fig. 3B), excluída a não menos importante escavação realizada no nº 19 da Rua António Joaquim Granjo, “Casa dos Mosaicos”, precisamente objecto da presente monografia, e que forneceu uma ocupação desde a Idade do Ferro orientalizante ao período medieval islâmico.

Travessa de Frei Gaspar

A intervenção arqueológica, realizada em 1979, abrangeu cerca de 120m², área pertencente a um lote do centro histórico (contíguo ao edifício da Caixa Geral de Depósitos), onde se localiza actualmente uma oficina de turismo em “co-habitação” com oficina de preparados de peixe da época romana.

Na metade nascente do lote, directamente sobre as areias de restinga que do sopé da colina de Santa Maria se estendia até à actual Praça de Bocage, localizou-se o peristilo de uma habitação de meados/terceiro quartel do século I d. C.. A camada de ocupação correspondente ao peristilo foi cortada pelo muro de delimitação de uma oficina de preparados piscícolas construída muito provavelmente no período flaviano (Fig. 7), com a “clássica” planta em U ou em L e revestimento de tanques e pátio por argamassa muito compacta e impermeável, constituída por fina brita calcária ligada por cal e areia. Esta oficina (de acordo com os primeiros estudos, neste momento em revisão) ter-se-á mantido em funcionamento possivelmente até à transição para o século III. Nos séculos III-IV foi abandonada e os seus tanques transformados em vazadores

de lixo. No século V, alguns tanques receberam novos fundos e voltaram a funcionar (Tavares da Silva, Soares & Coelho-Soares, 1986).

Praça de Bocage

A escavação arqueológica (Fig. 8), realizada em 1980, abrangeu a metade sul da placa central da praça, em cerca de 98m² (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 1980-81), no âmbito do programa da sua repavimentação. Estes trabalhos revelaram a existência de uma praia frequentada desde a primeira metade do século I d. C. e a edificação de uma oficina de produção de preparados piscícolas, na segunda metade do mesmo século, que tinha a particularidade de integrar dois tipos de tanques separados por corredor: tanques revestidos por argamassa de cal, areia e brita calcária, destinados ao fabrico de salgas (tanque I), e tanques sem revestimento de qualquer tipo e com fundos impermeabilizados por argila que poderiam ter sido destinados a depósito de água e eventualmente de peixe e que por enquanto só possuem paralelos em fábricas de salga da Bretanha. No amplo pátio da fábrica foi edificado, num segundo momento construtivo, um compartimento quiçá com dois pisos, pois conservou-se o embasamento da caixa de escada, posteriormente subdividido. A oficina laborou até ao final do século II e foi abandonada, transformada em depósito de lixos, durante os séculos III-IV. O tanque I foi reutilizado como habitação durante a Idade Média. Estas estruturas viriam a ser cobertas por camada de areias de origem fluvio-marinha antes da construção da muralha afonsina; a partir do século XVI, o local sofreu uma ocupação funerária, enquanto adro da igreja de S. Julião.

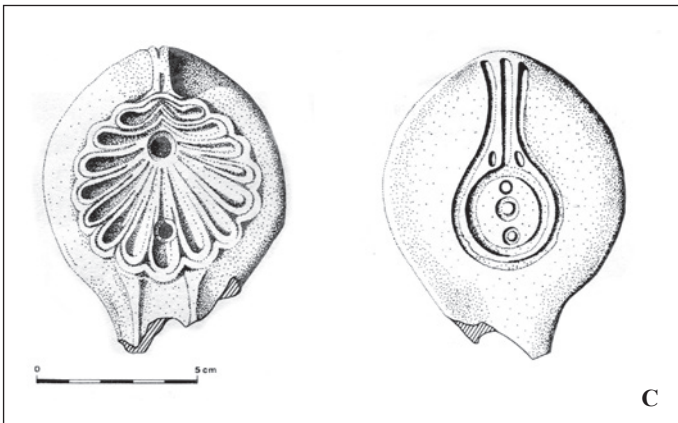
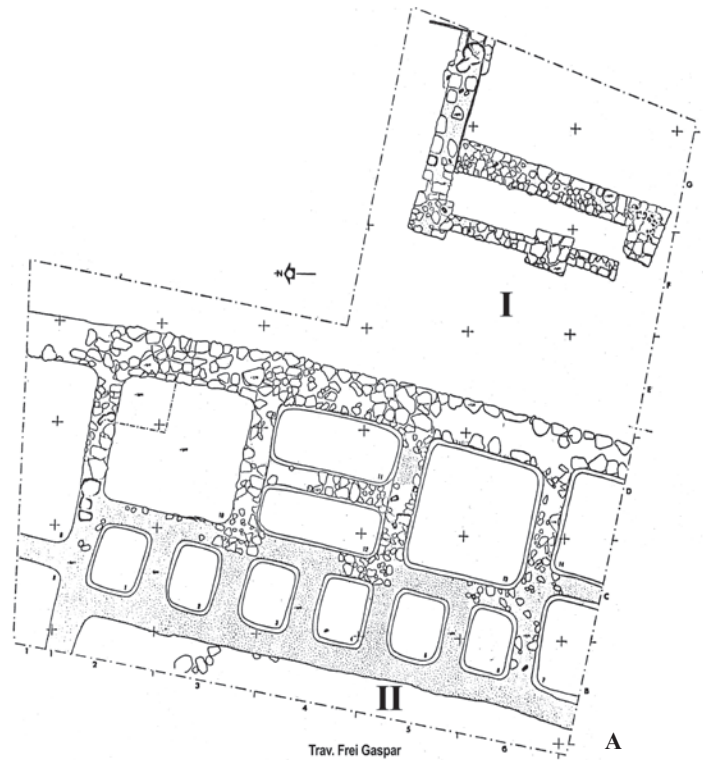
Largo da Misericórdia

Intervenção arqueológica suscitada pela reedificação de lote urbano no lado sul do Largo da Misericórdia, em 1988, com uma área de cerca de 90m².

A escavação revelou uma estratigrafia com mais de 2m de potência, tendo como substrato

Fig. 7 – Oficina de preparados de peixe da Travessa de Frei Gaspar (Setúbal). Séculos I-V. Seg. Tavares da Silva, Soares & Coelho-Soares, 1986.

A- Planta da área escavada com o peristilo de uma habitação de meados/terceiro quartel do século I d.C. (I), cuja camada de ocupação foi cortada pelo muro de delimitação de oficina de preparados piscícolas (II), construída muito provavelmente no último quartel do século I. Embora incompleta, pode verificar-se que a oficina possuía uma planta em U, ou em L, cujo pátio abria para oeste (sob o arruamento actual) e que na base do U, além dos grandes tanques de salga revestidos por argamassa de cal, areia e brita calcária, destinados provavelmente à produção de *salsamenta*, possuía uma fiada de seis pequenos tanques, presumivelmente destinados à manufactura de molhos de peixe. B- Aspecto da oficina durante a escavação. C - Lucerna paleocristã proveniente da C.6 do Tanque 8; tipo Atlante VIII, grupo C, atribuível ao século V d.C. (Bonifay, 2004, p. 360). D - integração da jazida romana em imóvel de informação turística; 1 - tanques destinados à produção de molhos, 2 - grande tanque destinado à produção de *salsamenta*, 3 - pátio da oficina.



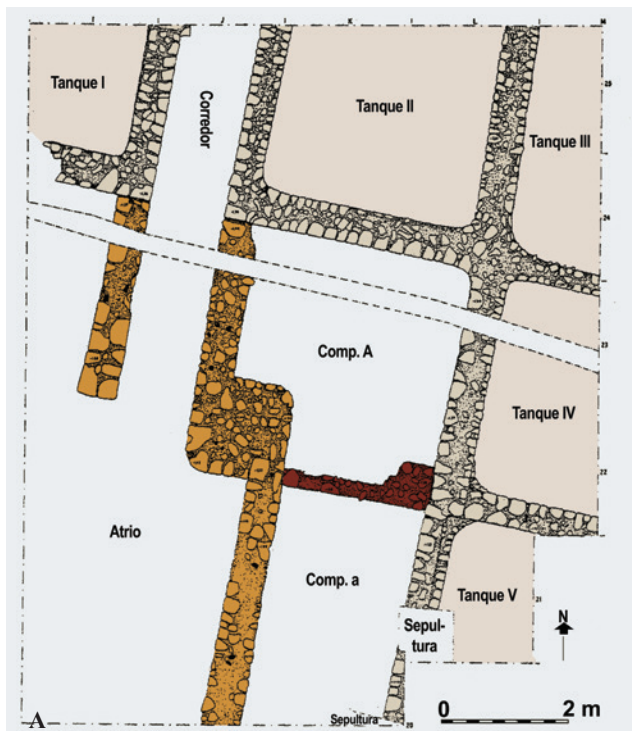


Fig. 8 – Estabelecimento fabril de salgas de peixe da Praça de Bocage (Setúbal). Séculos I-II. A- Planta da oficina de salgas; ■ 1º momento construtivo; ■ 2º momento construtivo; ■ 3º momento construtivo; B e C- Aspectos da área escavada; D- Tanques III e IV (sem revestimento nas paredes e fundos); E – Tanque I, revestido interiormente por argamassa de cal, areia e brita calcária; F - Em primeiro plano, aspectos do Tanque II e do Compartmento A. Seg. Tavares da Silva & Coelho-Soares, 1980-81, modificado.

areias de praia. A primeira fase de ocupação do local iniciou-se no reinado de Tibério (Fig. 9) e prolongou-se até ao século VI (Fig. 10). Registou-se ainda a presença de níveis do período islâmico, Baixa Idade Média e Idade Moderna.

Na base da sequência estratigráfica foi identificada uma olaria, da qual se escavaram dois fornos geminados, cujas câmaras de aquecimento, de planta circular e com cerca de 3m de diâmetro interno, pertencem ao tipo *a* da classificação de P. Duhamel, com canais principal e secundários ao mesmo nível. Estes fornos funcionaram durante o período Tibério-Claudio, tendo revelado duas fases de laboração, separadas por curto hiato talvez motivado por trabalhos de reparação. Produziram ânfora Dressel

14 variante A e talvez ainda ânforas lusitanas precoces que, pela sua evolução, teriam originado aquela.

Este achado veio situar os inícios do ciclo de produção de preparados piscícolas no estuário do Sado no período Tibério-Claudio, muito embora as oficinas de salgas de peixe mais antigas até agora escavadas na área urbana de Setúbal sejam um pouco mais tardias, datando da época flaviana, auge deste ciclo de desenvolvimento económico. A cronologia então proposta (Tavares da Silva, 1996) para o início do ciclo de produção de preparados piscícolas pode agora ser recuada para o período Augusto-Tibério graças à descoberta de entulheira de presumível olaria de produção de ânforas, na Rua António Joaquim Granjo, nº 19. O

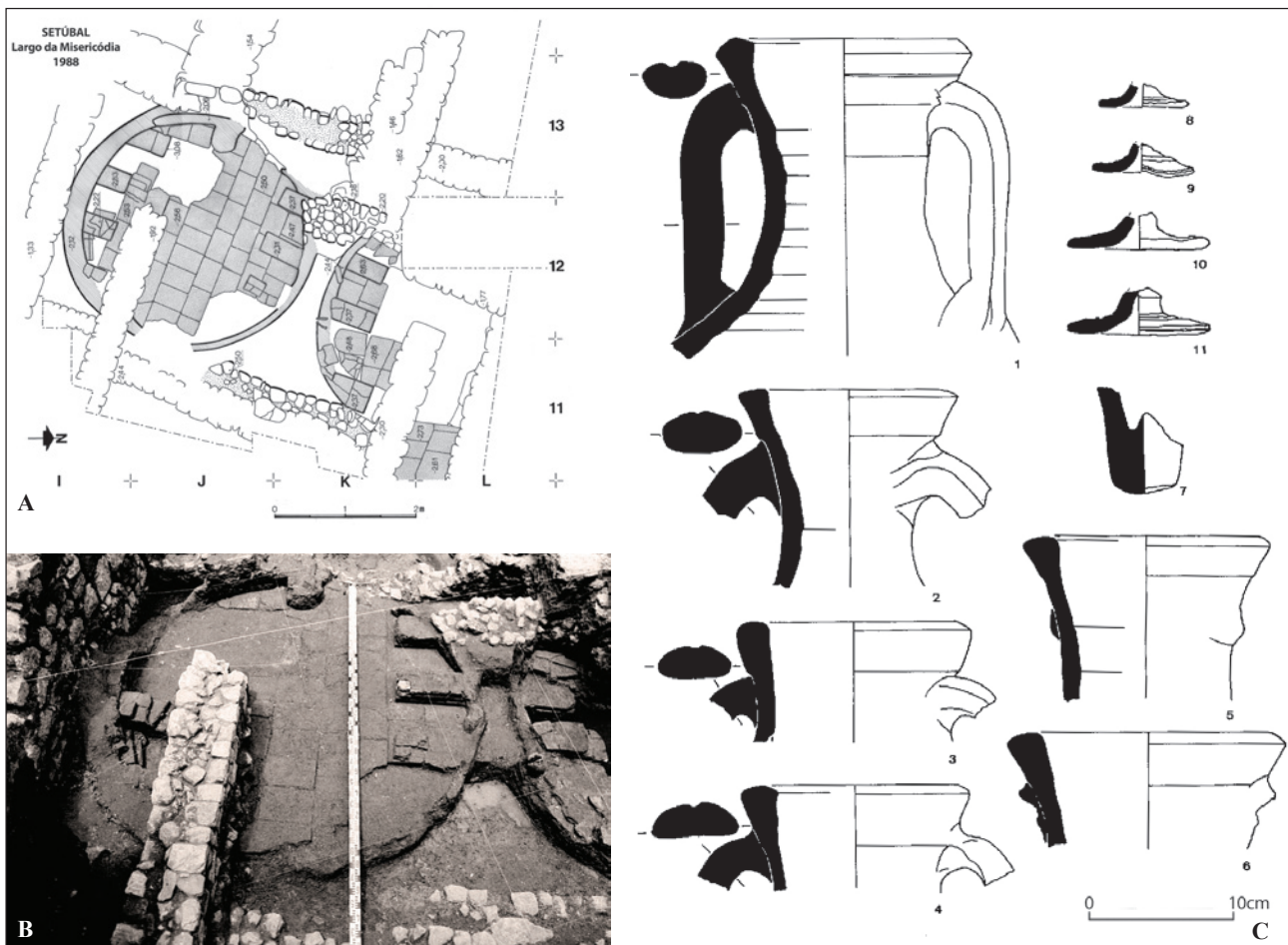


Fig. 9 – Largo da Misericórdia (Setúbal). A-B - Planta e foto da base de dois fornos geminados de produção anfórica. Foram construídos durante o período de Tibério e mantiveram-se em funcionamento durante o período Tibério-Claudio. C - Ânforas, Dressel 14, var. A, e talvez ânforas lusitanas precoces aí produzidas. Seg. Tavares da Silva, 1996.



Fig. 10 – Largo da Misericórdia (Setúbal). Capitel (séc. V-VI) de concepção bizantina. Foto de Rosa Nunes.

padrão locativo dos fornos de ânforas do Largo da Misericórdia permitiu defender uma estratégia de integração vertical da produção de salgas e da manufactura de ânforas nos inícios do Império, modelo que seria substituído pelo da organização da produção de salgas de peixe em grande escala, a partir da segunda metade do século I, com a produção anfórica também em grande escala, como na Herdade do Pinheiro (Mayet & Tavares da Silva, 1998), sectorial e fisicamente dissociada dos estabelecimentos de preparados piscícolas, e nas proximidades das matérias-primas (barreiros e floresta) e com acesso a transporte fluvial (Tavares da Silva, 1996, p. 49).

Proveniente do topo da sequência da ocupação romana do Largo da Misericórdia, atribuível à Antiguidade tardia dos séculos V-VI, há a registar o aparecimento de um capitel de influência bizantina

com quatro folhas nervuradas e cálato em V, com paralelos em exemplares de Salacia no que concerne à decoração vegetalista (Limão, 2010). Esta peça confirma a informação, fornecida pela cerâmica de importação, respeitante à chegada ao porto de *Caetobriga* de materiais de origem norte-africana e oriental em momento avançado da Antiguidade tardia, assinalando o fim do ciclo do sistema económico marítimo em que o sudoeste da Lusitânia se havia especializado (Edmondson, 1987).

Travessa de João Galo, n.ºs 4-4B

Escavação arqueológica realizada em 1997, em uma área de cerca de 35m². Neste lote do centro histórico de Setúbal, localizado no sopé da colina de

Santa Maria, identificou-se uma camada de areia de praia com materiais do período orientalizante, subjacente aos estratos da ocupação romana imperial. Durante a segunda metade do século I e século II o local foi ocupado por armazém de ânforas da forma Dressel 14, certamente associado a oficina de produção de preparados piscícolas existente no exterior do lote intervencionado e não muito distante do porto natural da baía de Setúbal. Ainda no século II, e após o abandono do armazém de ânforas, foi construído um edifício monumental virado para uma praça, do qual identificámos parte do *podium* e elementos ar-

quitectónicos, nomeadamente uma cornija em calcário de grandes dimensões (Fig. 11). Este edifício colapsou na transição para o século III, provavelmente em consequência de sismo. A ocupação do local prolongou-se até aos séculos VI-VII, com uma cultura material de forte tradição romana; Setúbal continuava a receber influências e produtos externos provenientes da actual Tunísia (*terra sigillata* africana D), a que se juntaram importações da Narbonense (cerâmica estampada cinzenta) e da actual Turquia (*sigillata* focence tardia, LRC) (Fig. 12) (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 2014).

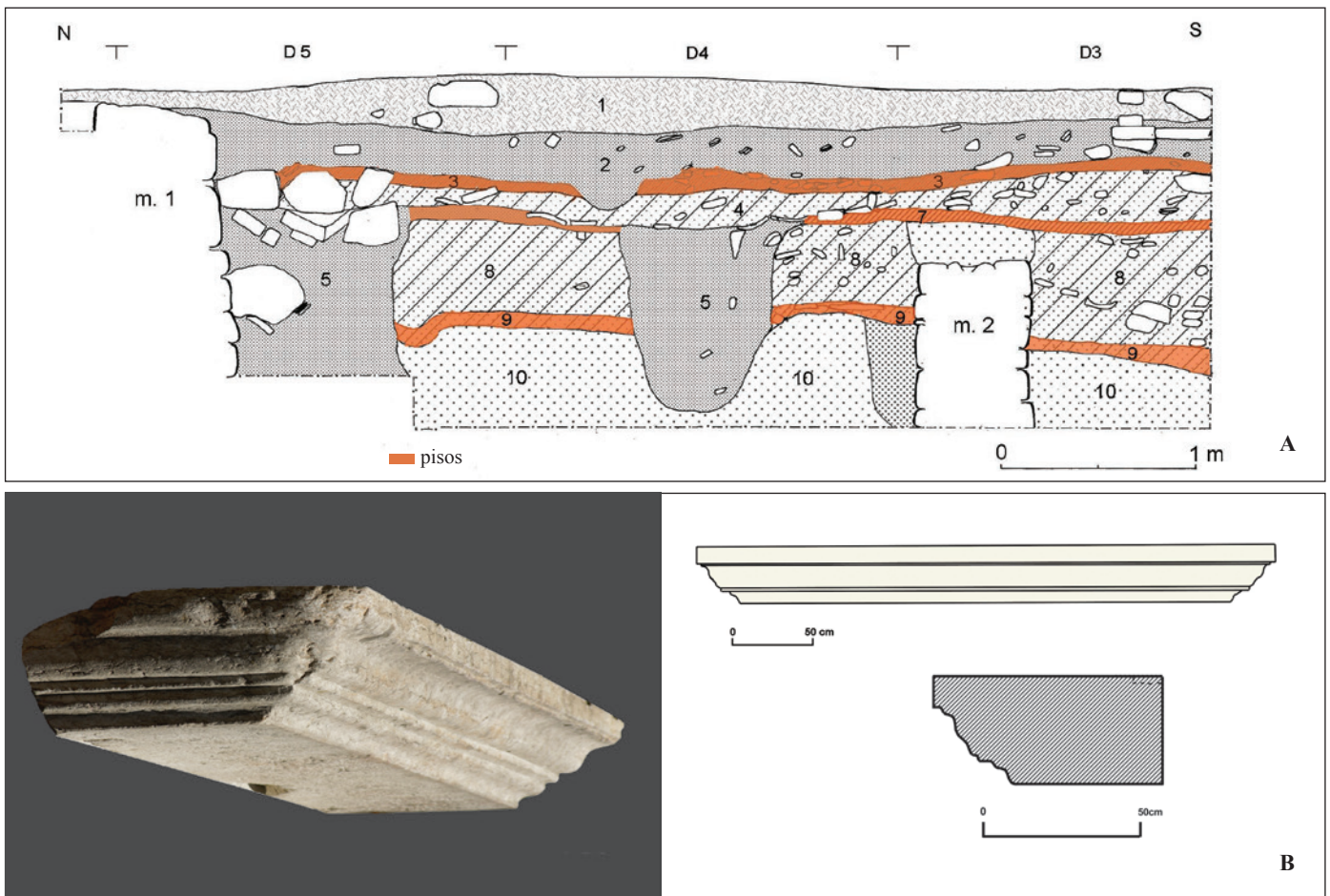


Fig. 11 – Travessa de João Galo, 4-4B (Setúbal). A - Perfil estratigráfico: a C. 9 corresponde ao piso de ocupação em correlação com o armazém de ânforas Dressel 14, em funcionamento desde a segunda metade do século I à primeira metade do século II; o piso da C.7, em correlação com o edifício monumental, da segunda metade do século II, foi destruído por grandes fossas (C.5), associadas ao desmantelamento e aproveitamento de pedra de construções anteriores, fossas datáveis dos séculos IV-V; a C.2, formada após o abandono do pavimento da C. 3, corresponde a uma lixeira doméstica do século VI, com possível prolongamento pelo século seguinte. B- Cornija de grandes dimensões, com c. de 3 toneladas, do edifício monumental do século II. Seg. Tavares da Silva e Coelho-Soares, 2014.

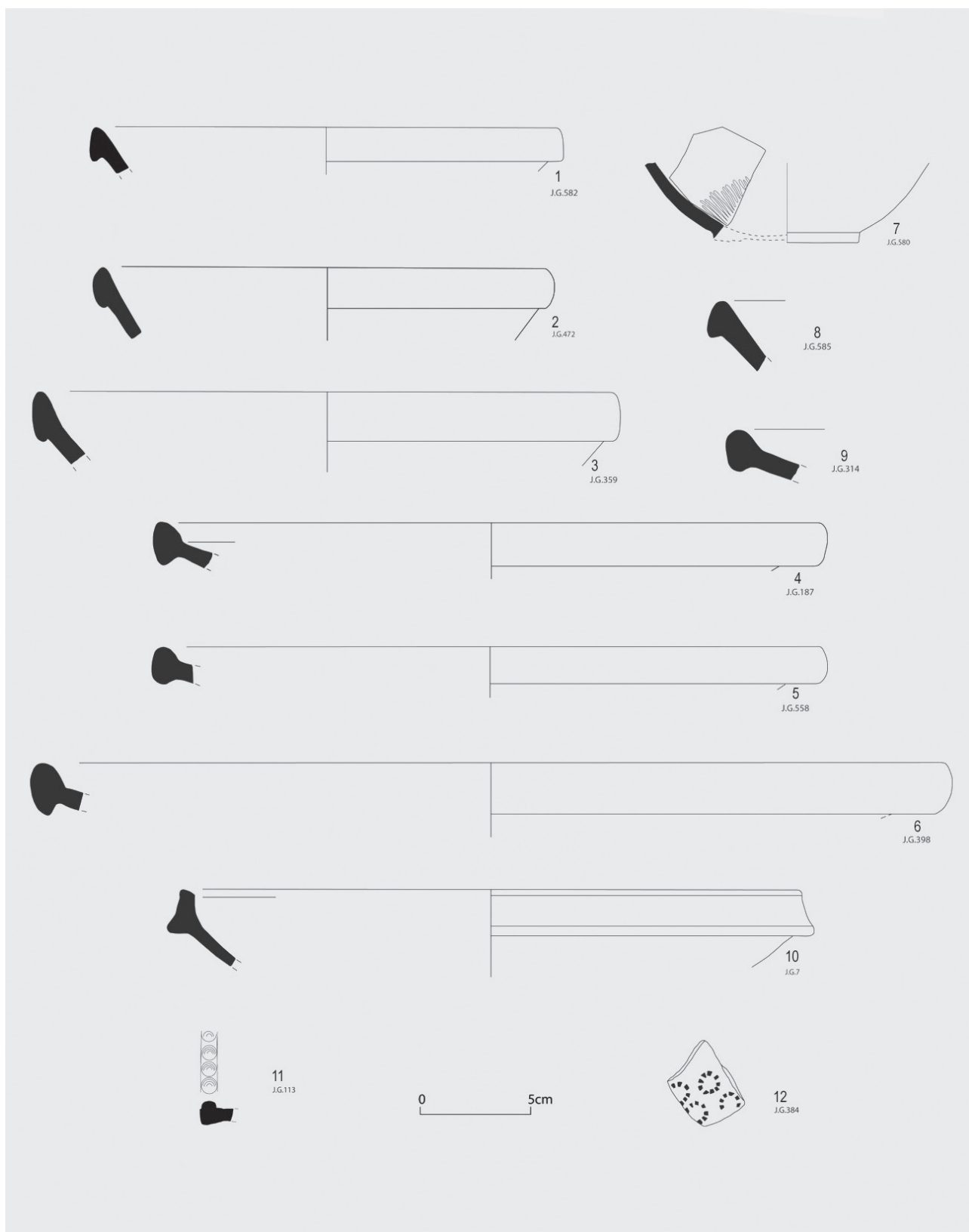


Fig. 12 – Travessa de João Galo (Setúbal). Materiais do século VI (Fase V). *Sigillata* africana D (n^{os} 1 a 9), *sigillata* focense tardia (n^o 10), e cerâmica estampada cinzenta (n^{os} 11 e 12). Desenho de Susana Duarte in Tavares da Silva & Coelho-Soares, 2014.

Rua Francisco Augusto Flamengo, nºs 10-12

A escavação arqueológica decorreu em duas campanhas que tiveram lugar em 2008-2010 e abrangeram uma área de cerca de 250m² (Fig. 13A) (Tavares da Silva *et al.*, 2010, 2014). Esta escavação revelou uma ocupação de ampla diacronia (Fig. 13B). No que respeita à ocupação da época romana, localizou-se uma lixeira datada da 2^a metade do século I e do século II d. C. Os materiais proporcionados por esta lixeira revelaram um domínio da *terra sigillata* sudgálica no conjunto das cerâmicas finas de mesa¹ (Fig. 14). As ânforas encontradas documentam a diversificada actividade comercial da Setúbal romana: vinho do Egeu (ânfora da classe 9 de Peacock/Williams), da Península itálica (ânfora Dressel 2-4), do sul da Gá-

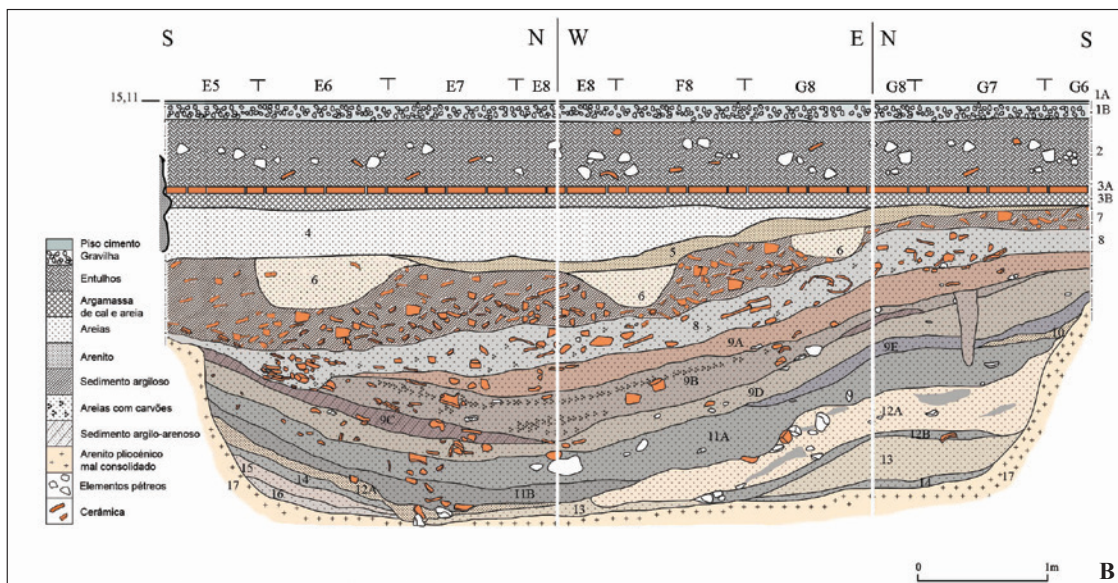
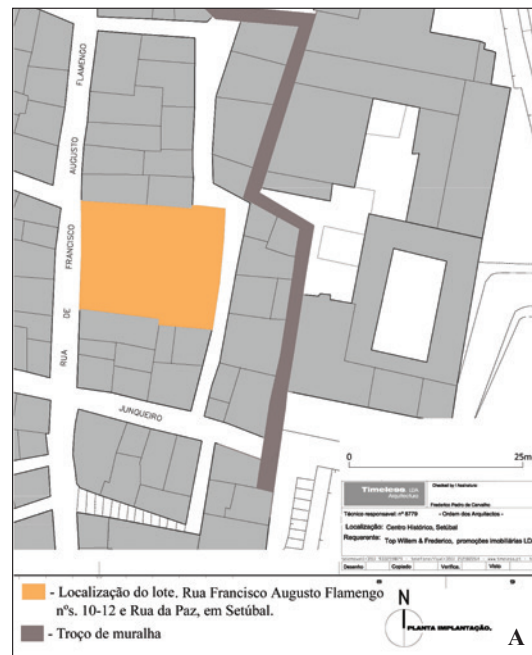


Fig. 13 – Rua Francisco Augusto Flamengo nºs 10-12 (Setúbal). A- Localização do lote; B-Perfil estratigráfico do Locus A, cuja base assentou sobre arenito pliocénico: Cs. 14 a 11-sedimentos de origem coluvionar com materiais exclusivamente pré-romanos resultantes da erosão e transporte de níveis arqueológicos sidéricos; C. 10- escorrências do substrato geológico; Cs. 9-7- níveis de ocupação romana; C. 6- formação descontínua constituída por fossas funerárias do período islâmico; C. 5- escorrências do substrato geológico; C. 4- terraplenagem do lote com mobilização de camadas de ocupação romana de cotas superiores. Cs. 3-1- pavimentos da época contemporânea. Seg. Tavares da Silva *et al.*, 2014.

1 - É importante assinalar que mesmo na camada atribuível ao século II, a *terra sigillata* hispânica é muito rara, o que pode ser explicado pela prevalência do comércio marítimo sobre o terrestre, expectável em um aglomerado portuário como *Caetobriga*. No entanto, uma cronologia precoce dentro do século II para a camada de selagem da lixeira é admissível, considerando a elevada frequência de *terra sigillata* sudgálica nessa camada.

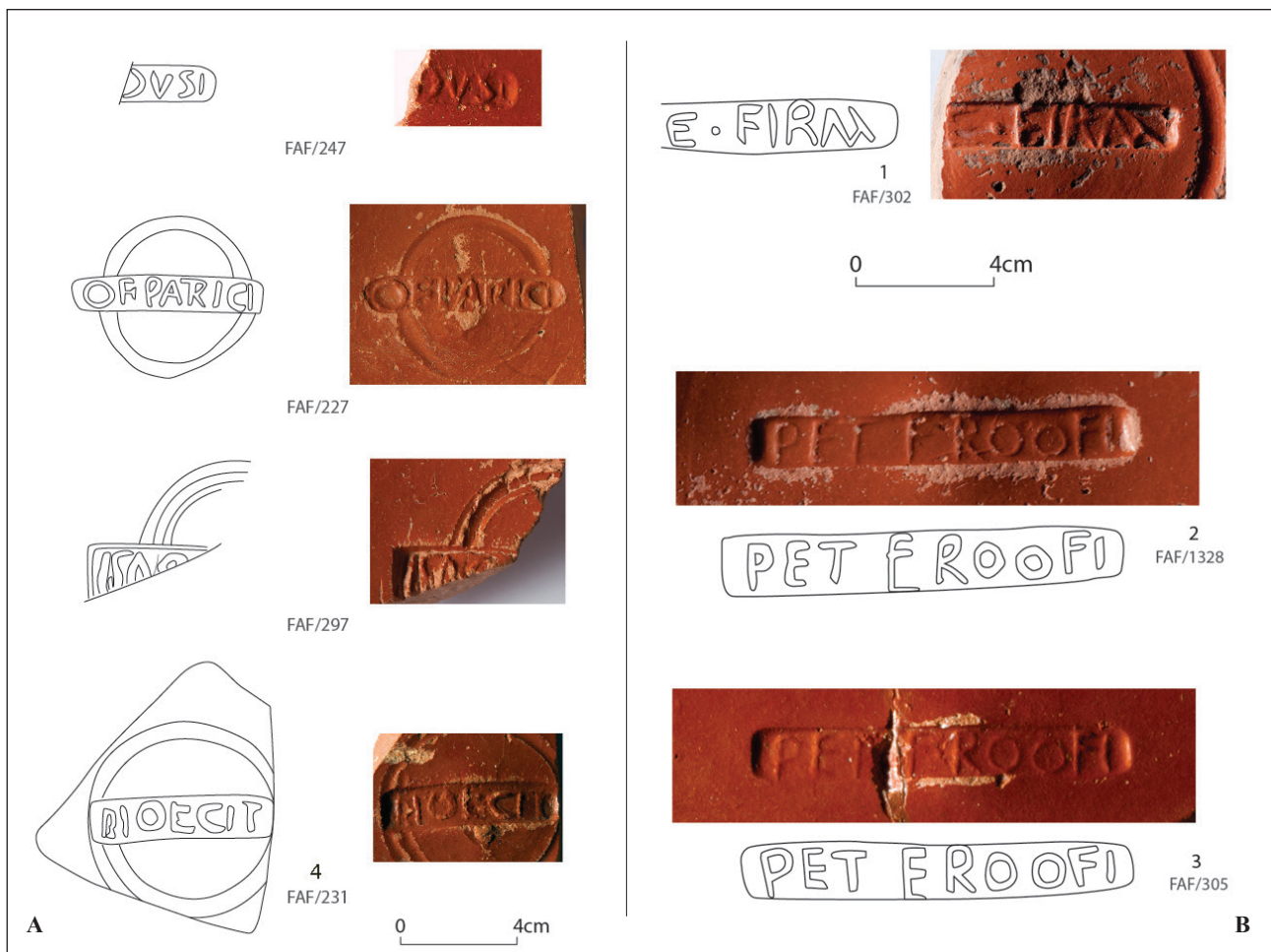


Fig. 14 – Rua Francisco Augusto Flamengo n.ºs 10-12 (Setúbal), lixeira alto-imperial. A - Marcas de oleiro em *terra sigillata* sudgálica. 1- [...] VSI; 2- OF PATRICI; 3- ISA[...]; 4- BIOECIT. B - Marcas de oleiro em *terra sigillata* hispânica. 1- [...]E. FIRM, do oleiro Valerius Firmus (forma Drag.27); 2 e 3- PET EROOFI, do oleiro Petronius Eros (formas indeterminadas). Desenhos de Susana Duarte e Ana Castela in Tavares da Silva *et al.*, 2014.

lia (Gaulésia 4) e do sul de Espanha (Haltern 70); azeite do vale do Guadalquivir (Oberaden 83); *salsamenta* de produção local, embalada em ânforas Dressel 14; um exemplar conserva ainda os restos esqueléticos de sardinha miúda (Gabriel & Tavares da Silva, 2016) (Fig. 15).

Após a selagem do vazadouro em fase quiçá precoce do século II, foi construído nas proximidades, em momento impreciso, um grande reservatório de água (Fig. 16), com uma capacidade superior a 250m³. A partir de meados do século IV, a limpeza e manutenção do reservatório revelam-se pouco eficientes. Na base do seu enchimento (C.14), surge

terra sigillata africana D (Hayes 61A) associada a ânfora Almagro 51c, variante B. A parte superior do seu enchimento ter-se-ia formado no século V, tal como foi sugerido por alguns materiais como: *sigillata* africana D (Hayes 91A), ânforas Almagro 51c, Almagro 51a-b e Sado1. Após um prolongado abandono, o lote viria a ser ocupado como necrópole, no período islâmico (séculos X-XI). Nos séculos XIII-XIV depositaram-se no local várias lixeiras domésticas, e embora o lote tivesse sido incluído no interior da cerca afonsina (Fig. 13A), somente a partir da Idade Moderna passa a ser utilizado com finalidade residencial.



Fig. 15 – Rua Francisco Augusto Flamengo n.ºs 10-12 (Setúbal). Lixeira alto-imperial. Ânfora Dressel 14 da variante C. Continha restos esqueléticos de sardinha miúda em conexão anatómica (*salsamenta*). Seg. Tavares da Silva *et al.*, 2014.

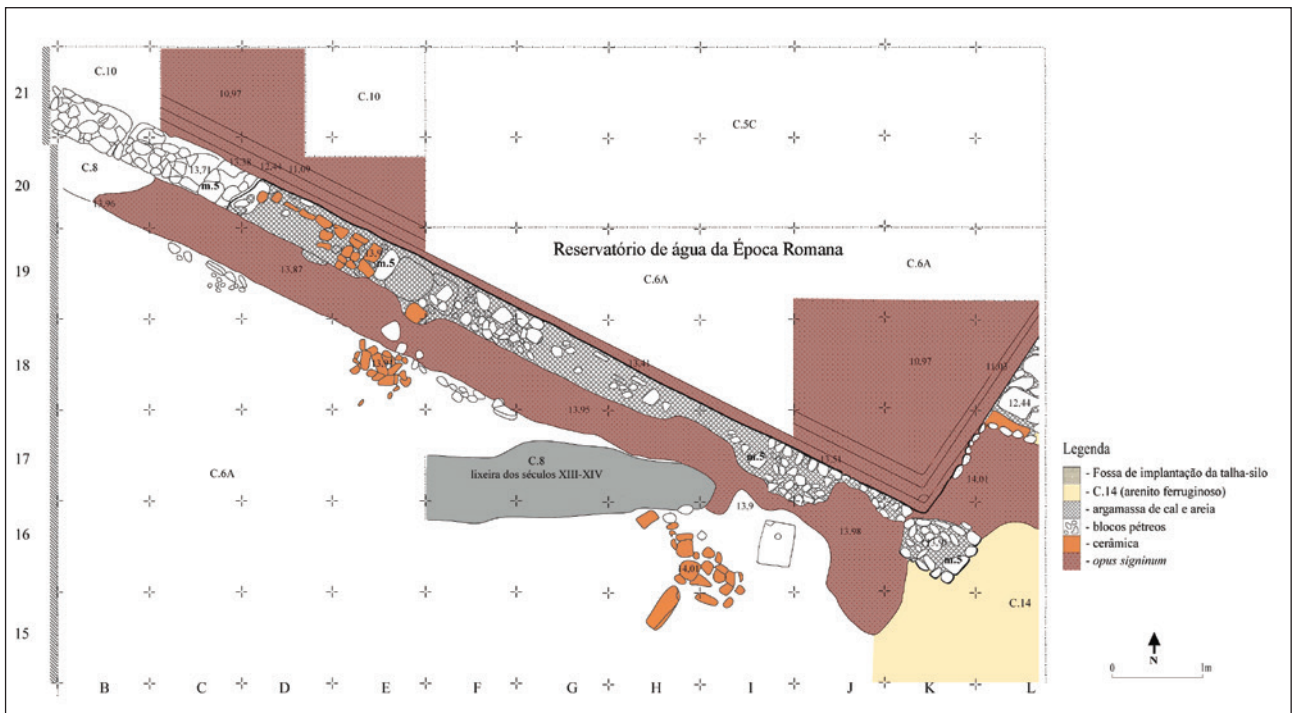


Fig. 16 – Rua Francisco Augusto Flamengo n.ºs 10-12 (Setúbal). Planta parcial de reservatório de água da época romana. Seg. Tavares da Silva *et al.*, 2014.

Rua Arronches Junqueiro, nº 75

Em uma pequena sondagem de cerca de 9m2 (dada a exiguidade do lote), realizada em 2009, no nº. 75 da Rua Arronches Junqueiro, vertente oeste da colina de Santa Maria, identificaram-se vestígios do peristilo de uma *domus*, cuja galeria, muito provavelmente porticada, foi pavimentada a *opus tessellatum* e bordejada por espelho de água. Estes importantes testemunhos arquitectónicos (Fig. 17) prolongavam-se pelo edifício contíguo a poente, que foi objecto de renovação, com reforço estrutural de paredes, em 2015/2016, sem que, estranha e lamentavelmente, tivesse ocorrido acompanhamento arqueológico.

O mosaico é de estilo geométrico e de movimento tridimensional, apresentando cores vivas (vermelho e ocre) e composição complexa organizada a partir de estrelas de oito pontas losângicas, enquadradas por rectângulos de entrançados; na cercadura exterior pode ver-se uma banda de ogivas e escamas, onde o vermelho é dominante. Foi datado da transição para o século III. Os derrubes que cobriam o mosaico sugerem o colapso do edifício durante o século V/VI (LRC na forma Hayes 3B, ânforas lusitanas das formas Almagro 51c, variante C, Almagro 51a-b e ânfora globular LRA2/Keay LXV) (Fig. 18) (Tavares da Silva, Soares & Wrench, 2010).

Caetobriga: Setúbal e Tróia

A *Caetobriga* (Figs. 5 e 6), referida por Ptolomeu² e localizada de acordo com o Itinerário de Antonino na desembocadura do Sado, dependia administrativamente de *Salacia*, principal aglomerado urbano do estuário do Sado, capital de *civitas*. O farol designado por “Torre dos *Salakeinoi*” no papiro

de Artemidoro, de finais do século II a. C. (Gallazi *et al.*, 2008) é justamente localizado na desembocadura do Sado por Jorge de Alarcão (Alarcão, 2011), muito provavelmente no Outão.

Porém, o poder económico de *Salacia* viria a transferir-se para *Caetobriga* (Tavares da Silva *et al.*, 1980-81). Atenda-se, por exemplo, ao facto dos centros oleiros da Estrada da Parvoíce (Pimenta, Ferreira & Cabrita, 2016), Barrosinha e Bugio (Mayet, Schmit & Tavares da Silva, 1996) do círculo portuário imediato de *Salacia* não terem sobrevivido ao século II, ao contrário do observado nas olarias a jusante, que associamos a *Caetobriga*.

A referida deslocalização do polo de desenvolvimento económico para jusante resultou por certo da maior acessibilidade de *Caetobriga* quer aos recursos piscícolas, quer aos mercados consumidores de salgas e molhos de peixe, em cenário de crescente dinâmica de assoreamento do rio (Freitas e Andrade, 2008). Estes factores teriam contribuído para a emergência e desenvolvimento de uma cidade marítima e polinucleada na foz do Sado. Ao núcleo de origem sidérica da margem norte do estuário (Tavares da Silva & Soares, 1986; Soares, 2000) juntou-se um importante aglomerado industrial na margem oposta (Étienne, Makaroun & Mayet, 1994), localizado na actual Península de Tróia, antiga ilha de Achale (cf. Avieno, 1992), cuja fundação pode ser por agora datada do reinado de Tibério (Pinto, Magalhães & Brum, 2011) e é atribuída à iniciativa de uma rica e influente família da Lusitânia – os *Cornelii Bocchi* –, na personagem de *Lucius Cornelius Bocchus* de *Salacia* (González Herrero, 2011; Alarcão, 2011). Neste centro fabril, por hipótese satélite de *Caetobriga*, especializado na produção de salgas e molhos de peixe, encontram-se actualmente inventariadas 25 unidades de produção (Pinto *et al.*, 2016), que, sem soluções de continuidade, abrangem cerca de 800

2 - É referida como túrdula, mau grado o sufixo briga, o que evidencia a vinculação do estuário do Sado ao mundo fenício tardio organizado por *Gadir*, até ao período romano (Tavares da Silva *et al.*, 1980-81). Com efeito, importa sublinhar que a ocupação sidérica de Setúbal se integra na matriz mediterrânea e orientalizante e que essa tradição cultural, à semelhança do que ocorreu em outros centros urbanos comerciais atlânticos (p. ex. *Olisipo*), permaneceu até à plena romanização.

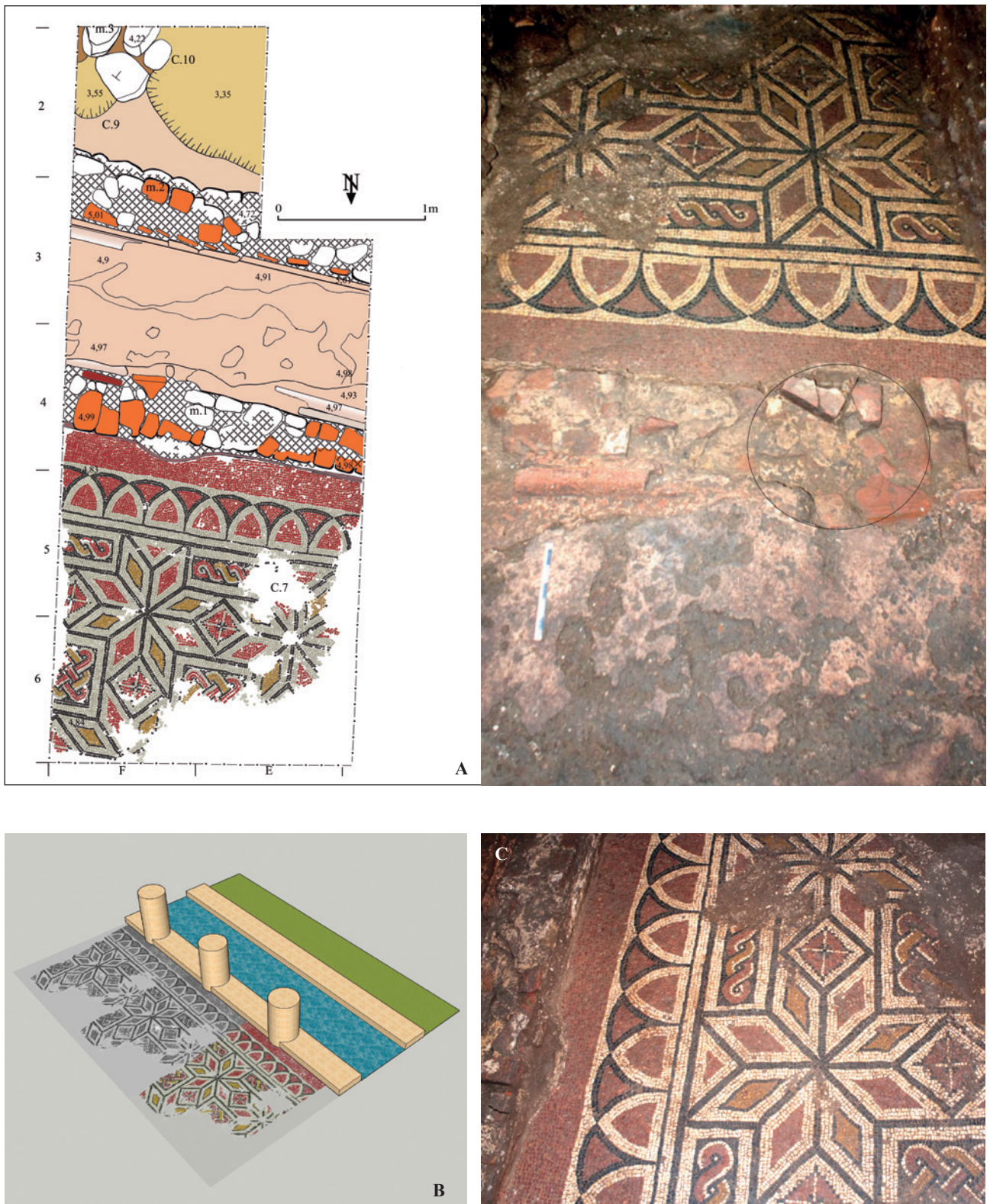


Fig. 17 – Rua Arronches Junqueiro, nº 75 (Setúbal). Seg. Tavares da Silva, Soares & Wrench, 2010. A- planta e foto da área escavada; B- reconstituição tridimensional; C- pormenor do mosaico.



Fig. 18 – Rua Arronches Junqueiro, nº 75. Ânfora globular LRA 2/Keay LXV, muito provavelmente vinária, de importação oriental (Egeu ou Mar Negro), dos séculos VI-VII (Vizcaíno Sánchez, 2009, p. 618).

metros ao longo do rio, bem como, especialmente dissociados, dois outros núcleos fabris localizados no Recanto do Verde e junto do Cais dos Fuzileiros (Fig. 19).

No auge do desenvolvimento de Tróia (segunda metade do século I e século II d. C), as 22 oficinas de salgas de peixe onde até agora se realizaram medições (em 80 tanques), teriam uma capacidade de produção mínima de cerca de 1429m³ suficiente para encher mais de 40.000 ânforas (Pinto, Magalhães & Brum, 2011, fig. 39; Magalhães, 2014; Pinto *et al.*, 2016), valor que não abrange a totalidade da capacidade produtiva instalada, mas que é claramente superior à de outros importantes centros produtores de preparados piscícolas do arco atlântico (*Olisipo*, *Baelo Claudia*, *Lixus*). As salgas da Lusitânia do Alto Império destinavam-se em

grande parte a exportação por via marítima e foram embaladas em ânforas da forma Dressel 14. Mesmo com suposta recomposição de carga e eventual mudança de vasilhame (por hipótese substituição de ânforas lusitanas por béticas) na cidade-entreponto de Gades, as ânforas lusitanas Dressel 14 são mais frequentes que as de fabrico bético nos níveis do século II de Ostia (Mayet, 2001); a sua presença nos naufrágios de San Antonio Abad (Ibiza), de Saint-Gervais (Bocas do Ródano), Cap Bénat I (Var) e Sud-Lavezzi III (Córsega), entre outros, permite admitir a existência de duas rotas marítimas principais do Sudoeste Peninsular para Ostia: via *Tarraconensis* e sul da *Narbonensis*; e através das ilhas baleares e estreito de Bonifácio (Étienne & Mayet, 1993-94; Arnaud, 2005). A esmagadora predominância de ânforas lusitanas de preparados piscícolas na totalidade do material anfórico até agora inventariado em Tróia (Pinto *et al.*, 2016) é bem elucidativa acerca do carácter económico monofuncional deste estabelecimento e da sua vocação para a produção em larga escala (Fig. 20). Decididamente, trata-se de um grande centro produtor e de um relativamente pequeno “mercado” consumidor, se excluirmos as matérias-primas e bens manufacturados (factores de produção) destinados à fileira produtiva de salgas. A imagem de uma população com fraco poder de compra compagina-se bem com o “baixo” estatuto social registado em algumas inscrições funerárias de Tróia (Encarnação, 1984).

Na margem norte do Sado, o núcleo fabril de salgas de peixe e olarias de ânforas atingem, tal como em Tróia, o apogeu durante o Alto Império (Tavares da Silva, 1996; Tavares da Silva & Coelho-Soares, 1980-1981, 2014; Tavares da Silva & Soares, 1986; Tavares da Silva, Soares & Coelho-Soares, 1986; Tavares da Silva, Soares & Wrench, 2010, 2015; Tavares da Silva *et al.*, 2010, 2014; Soares, 2000). Além dos núcleos principais da ilha de Achale e de Setúbal, não podemos esquecer que no litoral da Arrábida, até à baía de Sesimbra, existia um rosário de estabelecimentos de produção de preparados piscícolas, quer especializados, como o Creiro (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 2016), quer integrados em explorações agro-pecuárias

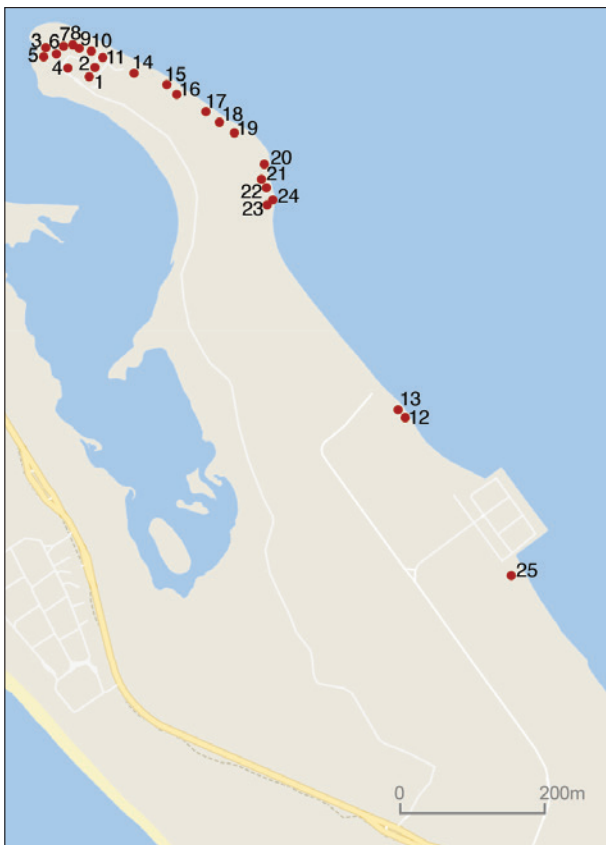


Fig. 19 – Localização das oficinas de preparados piscícolas do centro fabril de Tróia em mapa Google. Adaptado de Pinto *et al.*, 2016.

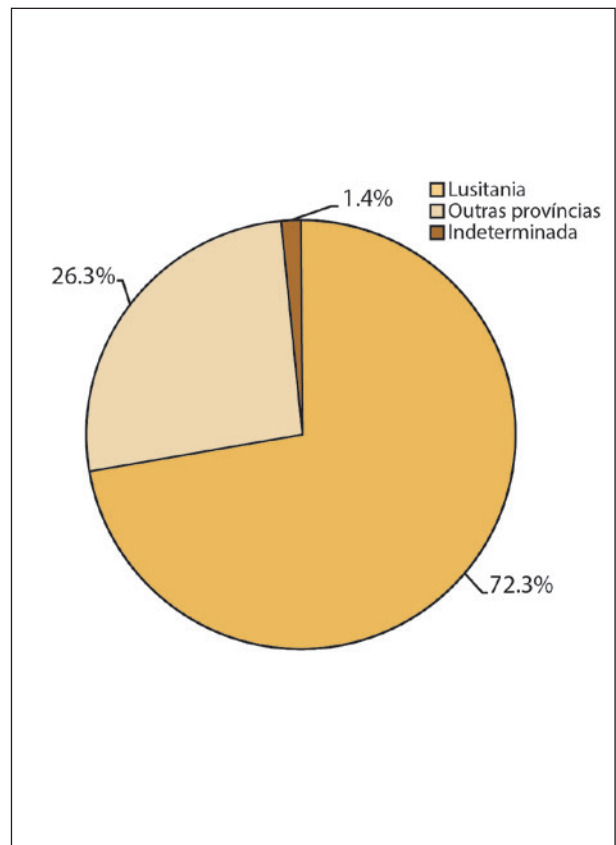


Fig. 20 – Tróia. Frequência relativa de ânforas lusitanas no conjunto da totalidade das ânforas registadas na jazida. Seg. Pinto, *et al.*, 2016.

como a Comenda (Tavares da Silva & Cabrita, 1964, 1966; Viegas & Soares, 1980; Viegas, 2016).

A actividade piscatória de *Caetobriga* foi, ao longo do Império, dirigida para espécies gregárias, sobretudo sardinha que constituiu a principal matéria-prima para a manufactura de salgas e molhos. Esta afirmação é suportada pela análise de restos de ictiofauna recolhidos em *cetariae* e ânforas (Desse-Berset & Desse, 2000; Étienne, 1990; Gabriel & Tavares da Silva, 2016); a ânfora Dressel 14 teria sido usada para transportar *salsamenta*, como foi comprovado nas escavações da Rua Francisco Augusto Flamengo, mas também provavelmente molhos (*liquamen* ou *muria*), de acordo com informação recolhida nas escavações da Rua António Joaquim Granjo (Gabriel & Tavares da Silva, 2016). A informação fornecida por *tituli picti* em ânforas Dressel 14 (Djaoui,

2016) confirma o transporte de molhos e *salsamenta*. O principal mercado consumidor dos preparados de peixe lusitanos terá sido Itália e particularmente Roma (Étienne, Makaroun & Mayet, 1994, p. 164-165). Esse comércio parece ter atingido o seu máximo desenvolvimento na primeira metade do século II (Rizzo, 2016). O certamente extenso salgado que terá servido o complexo de produção de preparados piscícolas do Sado foi presumivelmente sobreposto pelas salinas medievais e posteriores. Do salgado da Herdade da Gâmbia proveio uma ânfora Dressel 14 completa, que deverá relacionar-se com a actividade salineira na Antiguidade.

Caetobriga afirma-se, pois, como uma cidade portuária, de grande dinamismo produtivo, cujos núcleos seriam ligados sobretudo por via aquática, não se lhe aplicando a noção de cidade

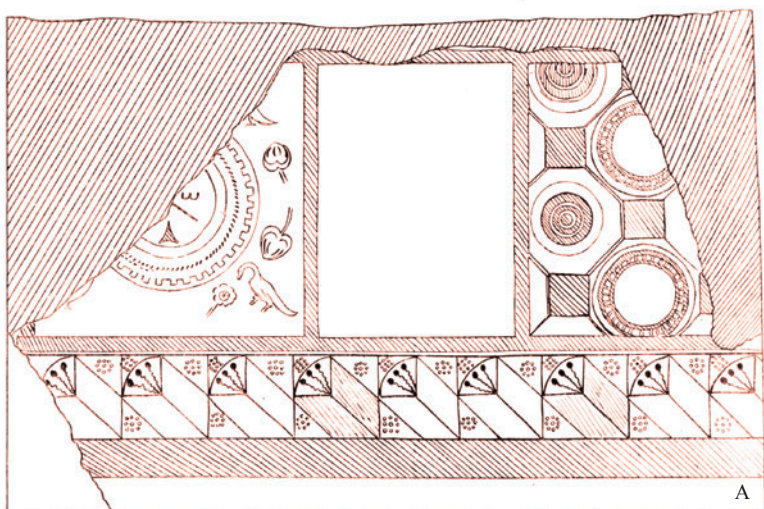
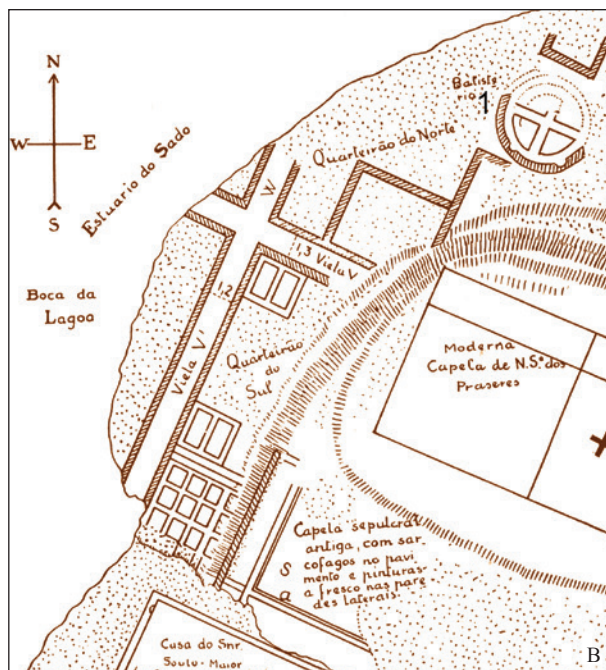


Fig. 21 – Tróia. A - Fresco da basílica paleocristã. O monograma de Cristo foi entretanto destruído. B - Localização do baptistério (1). Desenhos de A. I. Marques da Costa, 1930-1931, Figs. 22 e 27.



“parasitária” e monumental. Só muito recentemente foi possível identificar, na área residencial da colina de Santa Maria, vestígios de edifício monumental, talvez de carácter público (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 2014; Tavares da Silva *et al.*, 2010, 2014) e de *domus* com pavimentos musivos e decoração parietal de pintura a fresco (Tavares da Silva, Soares & Wrench, 2010), expressão arqueológica da “aristocracia” mercantil local. No núcleo de Tróia, foi igualmente identificada uma área residencial com edifícios de dois pisos decorados por mosaicos e frescos (Rua da Princesa); objecto de escavações antigas, deles muito pouco se conserva, quer no que respeita aos vestígios arquitectónicos existentes no local, quer no que concerne à cultura material móvel. A bibliografia de António Inácio Marques da Costa alusiva às edificações de Tróia (Costa, 1898 e 1930-1931) permite-nos avaliar da qualidade desse sector residencial.

A partir do segundo quartel do século III, após momento de forte recessão, na passagem do século II para o III, que alguns autores atribuem a sismo de grande magnitude no Sudoeste Ibérico (Mayet & Tavares da Silva, 2010), aquele sector de activida-

de fabril mostra ainda capacidade para proceder a profunda reorganização através de segmentação ou parcelamento dos estabelecimentos oficiais e da diversificação de salgas e molhos, entre os quais se destacaria o *garum* (Étienne & Mayet, 2000), muito associado ao tipo anfórico Almagro 51c, o mais produzido nas olarias do estuário do Sado durante o Baixo-Império (Mayet & Tavares da Silva, 2016).

Ânforas lusitanas do Baixo Império (Almagro 50 e 51c) encontraram-se em naufrágios da rota atlântico-mediterrânea: *Gades-Roma-Sicília*. E tal como Françoise Mayet afirma ao referir-se ao naufrágio de Cabrera III (Maiorca), muito provavelmente com carga composta em *Gades*, as ânforas embalariam o *garum* lusitano, sob a designação de *garum hispanum* (Mayet, 2001). As ânforas lusitanas do final do IV à primeira metade do século V seguem rotas mais meridionais e associam-se a produtos africanos. A sua presença nas cidades portuárias fica muito aquém do ocorrido nos séculos I e II d. C. Durante o Alto Império, as ânforas lusitanas de salgas de peixe integraram cargas com azeite da Bética e circularam sobretudo segundo a rota Tarraconense/Gália narbonense, mas também

através do estreito de Bonifácio.

Caetobriga entra em declínio durante o Baixo Império, com o abandono e/ou reconversão de estabelecimentos de produção de salgas, mantendo no entanto a produção de preparados piscícolas em pequena escala até ao século V, como foi também verificado na produção anfórica (Mayet & Tavares da Silva, 2016, Fig. 14). Na Setúbal romana – fábrica da Travessa de Frei Gaspar (Tavares da Silva, Soares & Coelho-Soares, 1986) – e no estabelecimento do Creiro, Arrábida (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 1987, 2016), observou-se uma reactivação parcial das *cetariae* durante o século V, após fase de abandono.

Dos finais do século IV ao século VI d. C., Tróia sofre claramente uma reorientação económica, com destaque para as funções funerária e religiosa; atenda-se às sepulturas de tipo *mensa*, à basílica paleocristã com pintura mural a fresco (Fig. 21A) (Maciel, 1996) e ao baptistério (Costa, 1898) (Fig. 21B). Esta é a última fase da vida do núcleo de Tróia, que antecedeu o total abandono do sítio até à Baixa Idade Média, quando uma ermida cristã de invocação mariana³ retomou, no local, a função religiosa, para a comunidade piscatória de Palhais/Fontainhas, que aí realiza anualmente a sua festa religiosa. A desurbanização atingirá também a Setúbal romana, a partir talvez de finais do século IV, muito embora de forma menos radical, como veremos adiante.

Estrutura funcional da Setúbal romana

O núcleo principal da povoação (ver Fig. 13 do Cap. 2, Enquadramento pealeogeográfico) localizar-se-ia na colina de Santa Maria (com cerca de 5 ha.): o centro urbano e principais edifícios públicos, na área do terreiro e igreja de Santa Maria (Soares, 2000); o reservatório de água para abastecimento público, no topo da mesma colina (Tavares da Silva *et al.*, 2010); e as *domus* da “aristocracia” local na



Fig. 22 – Tróia. Lucerna paleocristã tardia, com cruz no disco e decoração relevada na orla, atribuível ao tipo Atlante X, grupo D4, datado do século VII d.C. (Bonifay, 2004, p. 361; Soares, 1980, Fig. 20). Foto de Rosa Nunes.

suave vertente que descia em direcção à praia (Tavares da Silva, Soares & Wrench, 2010). No exterior do núcleo urbano, a nascente, localizavam-se as necrópoles (Soares, 2000), cujo conhecimento se baseia apenas na necrópole da Ladeira de S. Sebastião, observada, em 1906, por A. I. Marques da Costa, quando da abertura do túnel para a linha férrea (Tavares da Silva, 1966). Recentemente, deparámo-nos com o achado de um fragmento de ânfora romana no subsolo do cemitério de N. S.^a da Piedade, o que

3 - Capela construída no topo da duna que cobriu, na “boca da Caldeira”, a basílica paleocristã.

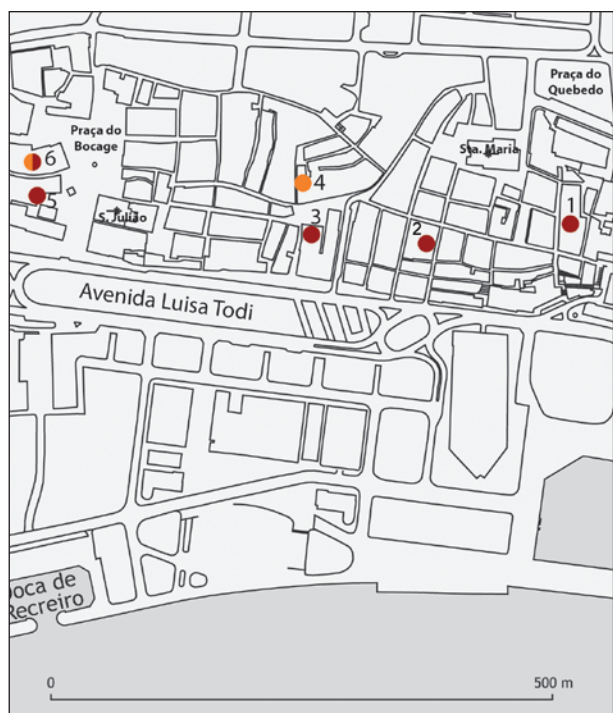


Fig. 23 – Distribuição dos vestígios medievais islâmicos no subsolo do centro histórico de Setúbal.

1 - Rua Francisco Augusto Flamengo, 10-12; 2 - Rua António Joaquim Granjo, 19; 3 - Largo da Misericórdia; 4 - Travessa da Portuguesa; 5 - Praça de Bocage/loja Chiado; 6 - Ruas de Bocage/Augusto Cardoso (edifício da Vinícola/Benetton).

- Vestígios da ocupação mulçumana até agora identificados na área urbana de Setúbal.
- Macrorrestos vegetais.

pode ser um indicador do prolongamento da área da necrópole romana para nascente, sob o casario do Bairro de S. Domingos e mesmo sob o actual cemitério. A hipótese da Setúbal romana ter “exportado” para Tróia, pelo menos parcialmente, a função funerária, parece-nos muito plausível.

A restinga arenosa que da base da colina de Santa Maria se dirigia para o que é hoje a Praça de Bocage (Soares, 2000), com cerca de 2,5ha (Largo da Misericórdia, Ruas dos Caldeireiros, Paula Borba e Januário da Silva, Largo da Ribeira Velha e Rua do Jornal “O Setubalense”), foi edificada sobretudo com oficinas de produção de salgas e molhos de peixe e olaria de ânforas (Tavares da Silva, 1996), principalmente a partir de meados do século I.

A partir do núcleo de Troino tinha-se acesso às pedreiras do Viso (Soares, 1980) e à via terrestre de ligação a *Olisipo* (Tavares da Silva & Soares, 1986).

Para nascente de *Caetobriga*, ao longo da margem direita do Sado, e na foz da Ribeira da Marateca localizavam-se as olarias de produção de ânforas necessárias ao envasamento dos preparados piscícolas: Quinta da Alegria, Zambujalinho, Pinheiro, Abul (Mayet, Schmitt & Tavares da Silva, 1996; Mayet & Tavares da Silva, 1998 e 2002). Estes centros oleiros aliaram, numa lógica de grande racionalidade económica, a máxima acessibilidade aos barreiros e à floresta, com a manutenção do acesso directo a transporte fluvial. Pela mesma via se chegaria à provavelmente mais extensa área de salinas da região (sapais de Praias do Sado e Gâmbia), onde ocasionalmente têm sido recolhidos materiais anfóricos (ânfora Dressel 14); um outro salgado localizar-se-ia na periferia imediata da cidade, no sapal do esteiro do Livramento, onde se ergue actualmente o convento de Jesus, cuja construção, no século XV, foi responsável pela secagem do sapal e desactivação da prática da salicultura nessa área (Tavares da Silva, 1989).

A economia de *Caetobriga*, excessivamente especializada na fileira de salgas e molhos de peixe, encontrava-se muito dependente de mercados consumidores exteriores, mediados muito provavelmente pela cidade-entreposto de Gades. Seria, pois, muito vulnerável às conjunturas económicas, sociais e políticas do Império em geral e das cidades com as quais mantinha contactos comerciais, em particular. A uma crise ocorrida nos finais do século II/inícios do século III, cujas causas não estão apuradas, a economia local reagiu a partir de meados do século III, como salientámos anteriormente, pela via da segmentação e diversificação das produções piscícolas. A partir dos séculos V/VI, o colapso deste sistema económico-social foi tão intenso que Tróia não voltaria a reurbanizar-se, e Setúbal só voltaria a fazê-lo de forma plena a partir do século XIV (Soares, 2000). No entanto, entre as ruínas da Setúbal tardo-romana, encontramos alguns indícios de resistência a um total despovoamento, como a despojada sepultura colectiva do nº 19 da Rua António Joaquim Granjo, do pe-

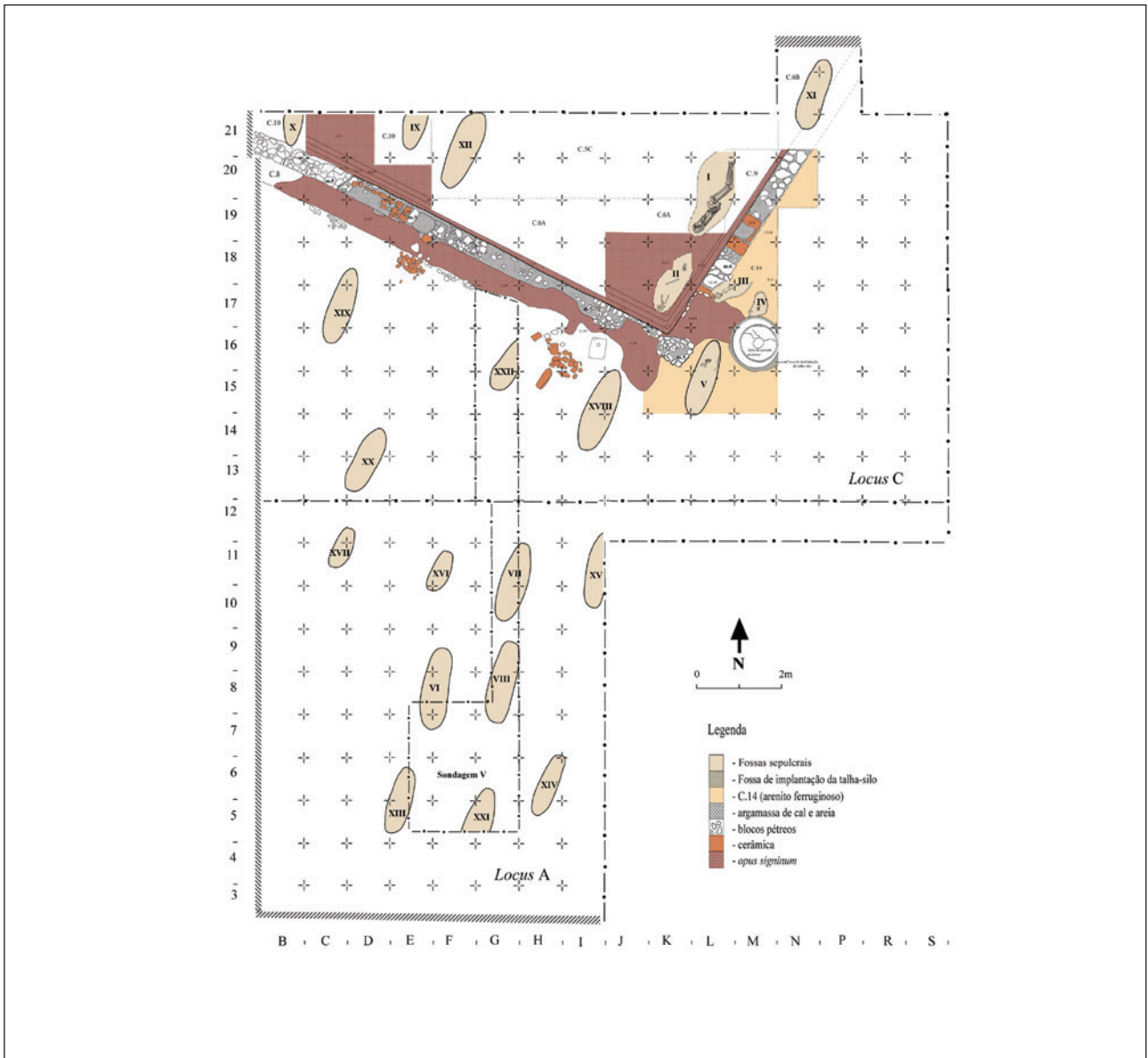


Fig. 24 – Rua Francisco Augusto Flamengo, n.ºs 10-12 (Setúbal). Planta e enterramentos da necrópole islâmica. Seg. Tavares da Silva *et al.*, 2014.

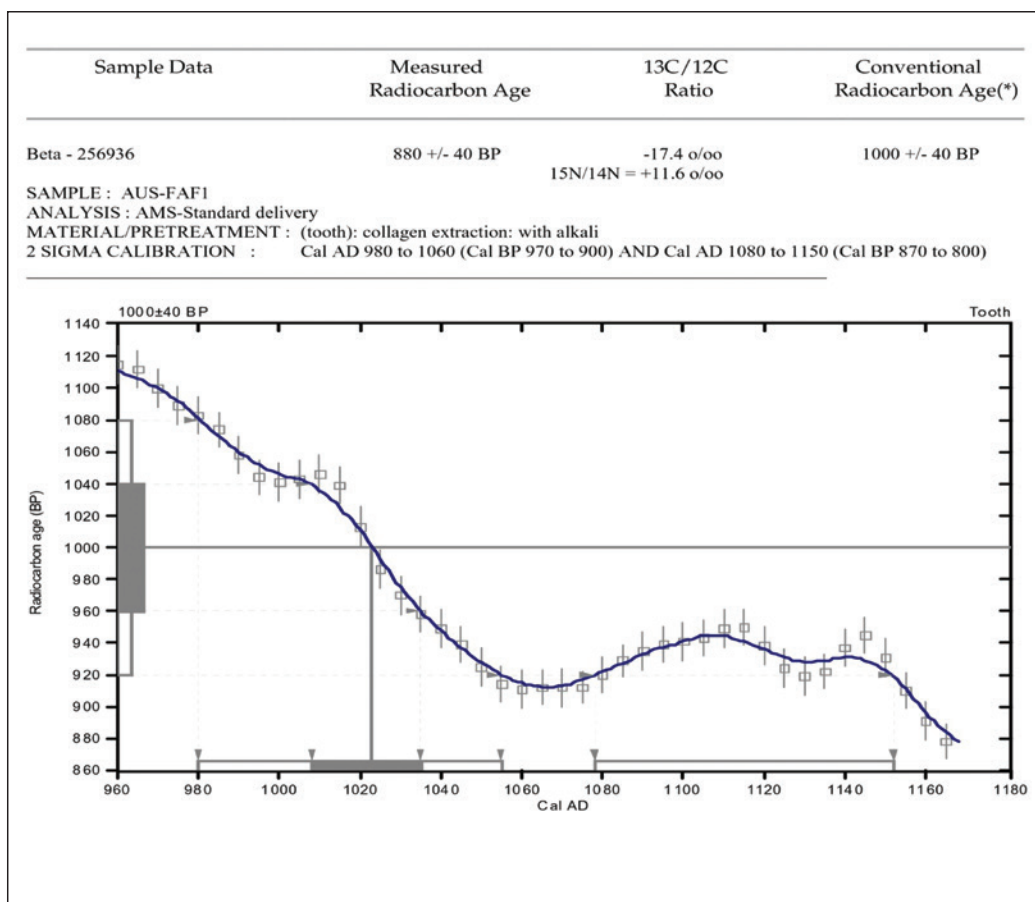


Fig. 25 – Rua Francisco Augusto Flamengo, n^os 10-12 (Setúbal). Necrópole islâmica. Datação radiocarbónica do inumado na Sepultura 1. Seg. Tavares da Silva *et al.*, 2010.

ríodo visigótico, em que a assinatura isotópica do $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$ das suas ossadas põe em destaque a importância dos recursos marinhos na alimentação da pequena comunidade, certamente piscatória, que terá habitado a baía de Setúbal durante o século VII d. C (ver estudo no presente volume).

Período Medieval Islâmico

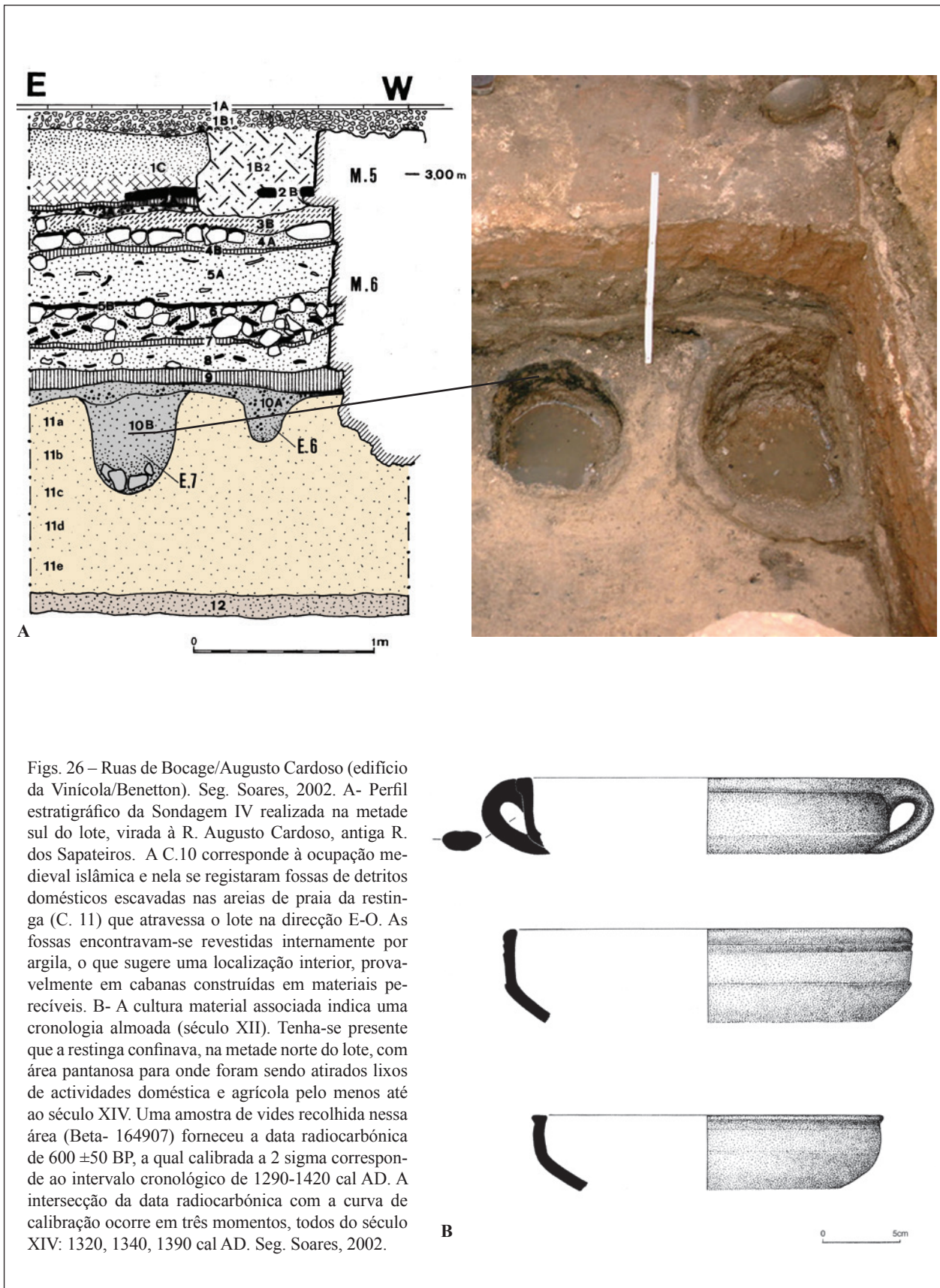
O período medieval islâmico encontra-se mal representado (Fig. 23), mau grado a atenção dispensada aos seus mínimos vestígios no quadro do projecto sobre as preexistências de Setúbal. Merecem destaque os seguintes testemunhos:

- Necrópole da Rua Francisco Augusto Fla-

mengo (Tavares da Silva *et al.*, 2010, 2014) (Figs. 24 e 25), de que foram escavadas 22 sepulturas em fossa, com os corpos depositados em decúbito lateral direito, e face virada para nascente, sem oferendas funerárias associadas. O esqueleto 1 (Sond. III, Q. L19, C. 6B) forneceu uma datação dos séculos X-XII (Fig. 25) (Beta-256936: 1000±40BP= 980-1150 cal AD, a 2 sigma). Os valores obtidos para $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$, respectivamente -17,4 (‰) e +11.6 (‰) indicam uma alimentação com elevada componente de proteínas de origem marinha (Schoeninger & DeNiro, 1984);

- Ocupação de carácter habitacional da RAJG.19 (ver estudo no presente volume).

- Cabanas das Ruas de Bocage/Augusto Cardoso, ed. Vinícola/Benetton (Soares, 2002), insta-



Quadro 1 – Datações radiocarbônicas de estacarias de cais palafíticos, dos períodos medieval islâmico e medieval cristão, anteriores à construção da muralha afonsina. Séculos XI-XIII.

Localização	Ref. Lab.	Material	$\delta^{13}\text{C} \text{ ‰}$	Data ^{14}C (BP)	Data calibrada (cal AD) (1 σ)	Data calibrada (cal AD) (2 σ)
Av. Luisa Todi/Ed. BCP Estaca 32	ICEN-757	madeira	-25,46	870 \pm 45	1049-1223	1030-1260
Av. Luisa Todi/Ed. BCP Estaca 144	ICEN-749	madeira	-26,86	760 \pm 50	1229-1277	1180-1290
Av. Luisa Todi/Ed. Montepio Geral Estaca 3	Beta-470463	madeira	-22,9	770 \pm 30	1225-1275	1216-1282

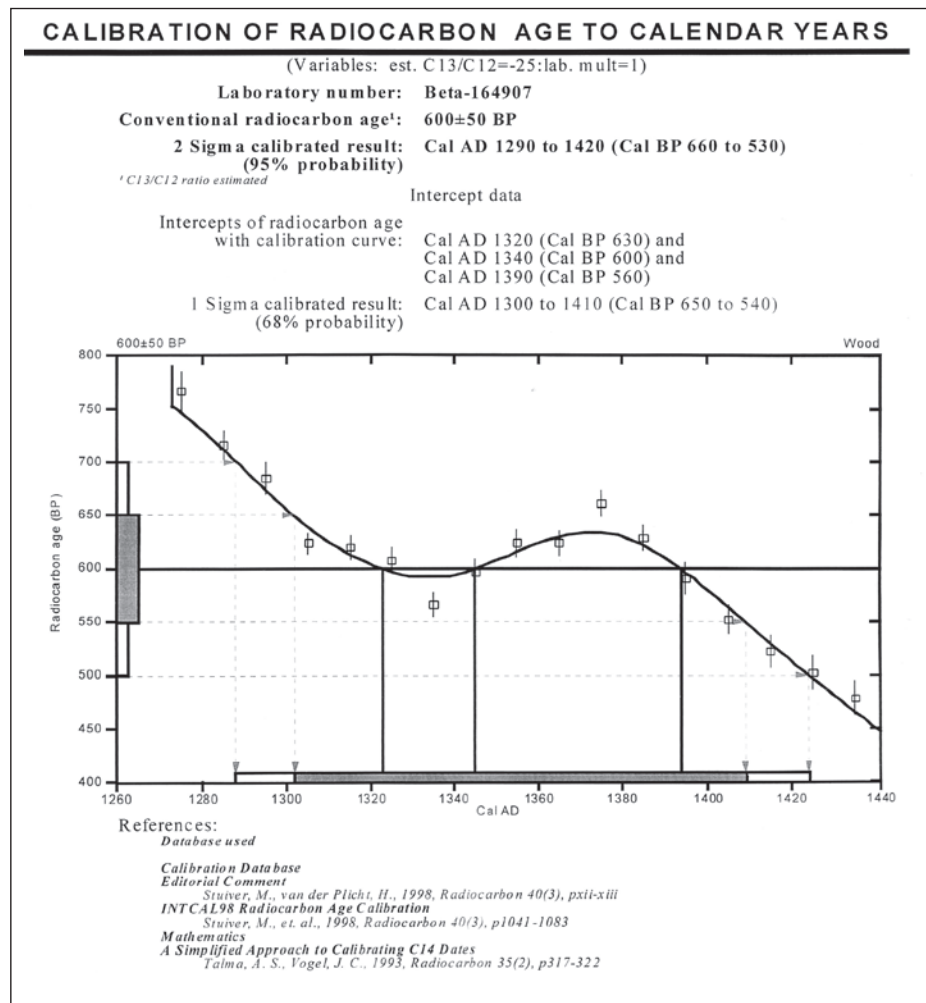


Fig. 27 – Av. Luisa Todi (edifício BCP) – Estacaria de cais palafítico, perpendicular à linha de costa, do período medieval (Soares, 1997).

ladas sobre uma praia de areias fluvio-marinhas (Fig. 26), do período almoada (século XII);

- Estacarias (Fig. 27) de cais palafíticos anteriores à cerca muralhada afonsina e perpendiculares à linha de costa (edifícios Montepio e BCP na Av. Luisa Todi), datadas radiocarbonicamente dos séculos XI-XIII (Quadro 1), aparentemente sem discontinuidades entre o medieval islâmico e o medieval cristão. Também na Rua Luís de Camões, virada para o esteiro do Livramento, ao abrigo da restinga, foram identificadas estacas do mesmo tipo por enquanto sem datações. Pomares e vinhas bordejavam a área pantanosa onde hoje se localizam a Travessa da Portuguesa, o Largo do Sapalinho, a Rua de Bocage e deixaram testemunhos directos da sua presença (Soares, 2000), através de abundantes macro-restos vegetais; algumas amostras de vides têm vindo a ser datadas; foram recolhidas nas camadas de lodos da Travessa da Portuguesa (ICEN-698, com o intervalo de 1015-1213 cal AD, a 2 sigma), do Largo do Sapalinho (ICEN-699, com o intervalo de 1034-1253 cal AD, a 2 sigma) e do edifício da Vinícola/Benetton, na Rua de Bocage (Beta-164907: 600 \pm 50 BP, com o intervalo de 1290-1420 cal AD, a 2 sigma) (Fig. 28). À semelhança do que foi observado relativamente à cronologia das estacarias dos cais palafíticos, também as vides fornecem um intervalo cronológico que nos permite supor a inexistência de discontinuidades no que ao cultivo da vinha respeita entre o medieval islâmico e o cristão. Por outro lado, a datação obtida para

Fig. 28 – Rua de Bocage. Edifício da Vinícola/Benetton. Calibração da amostra Beta-164907, constituída por vides recolhidas na C. 10 da Sondagem II. Lab. Beta Analytic Inc.



o sítio arqueológico da Rua de Bocage coloca em destaque a existência de vinha dentro da cerca muralhada afonsina e a tardia conquista de solo urbano à área húmida intra-muros. As primeiras construções em alvenaria registadas sobre o antigo sapal da metade norte do lote do edifício da Vinícola/Benetton foram datadas do século XV (Soares, 2002, p. 251).

A Setúbal da época islâmica terá, provavelmente, correspondido a uma aldeia de cabanas construídas em materiais perecíveis, cuja economia assentou na pesca, associada a uma agricultura hortofrutícola. As boas condições de porto natural oferecidas pela baía de Setúbal obstaram à autarcia do povoado, mesmo durante a sua fase de desurbanização e ciclo de vida mais depressivo.

Antecedentes proto-históricos

Travessa dos Apóstolos

Em 1984, a escavação de emergência na Travessa dos Apóstolos, na colina de Santa Maria, em lote urbano a reedificar, desenvolvida em uma extensão de cerca de 100m², revelou a mais potente estratigrafia e a mais ampla diacronia da ocupação humana do subsolo do centro histórico de Setúbal (Soares & Tavares da Silva, 1986; Soares, 2000). Pela primeira vez, foram registadas camadas arqueológicas anteriores à época romana, atribuíveis ao Bronze final, século VIII (C. 14) e à I Idade do Ferro, séculos VII-V a. C. (Cs. 12 e 13). Os resultados desta intervenção permitiram

recuar as origens de Setúbal para momento tardio do Bronze final, ou seja, para a fase de interacção das comunidades indígenas da foz do Sado com os mercadores fenícios do Ocidente, no quadro da construção do império comercial atlântico da metrópole fenícia de Gadir. A colonização fenícia do estuário do Sado terá estabelecido forte vínculo comercial com a comunidade do Bronze final da foz do Sado (povoado da colina de Santa Maria), antes de fundar a sua própria feitoria em Abul (Mayet & Tavares da Silva, 2000b), a meia distância entre a desembocadura do rio e o fundo do estuário, onde se localizava o povoado da colina do castelo de Alcácer do Sal (Tavares da Silva *et al.*, 1980-81). Em ambos os povoados, de fundação indígena, o processo de miscigenação cultural com os colonos fenícios do círculo do Estreito foi tão intenso e persistente que a matriz cultural orientalizante haveria de prosseguir até à romanização⁴.

Após a descoberta destes primeiros vestígios da Setúbal proto-histórica, outros achados datados da Idade do Ferro têm vindo a ser identificados nas vertentes meridional e ocidental da colina de Santa Maria, nomeadamente na Rua Francisco Augusto Flamengo, nºs 10-12, Rua Arronches Junqueiro, nos. 32-34, Travessa de João Galo, nºs 4-4B, no nº. 19 da Rua António Joaquim Granjo (RAJG.19). De um modo geral, os materiais recuperados vão do século VII ao século V a. C., havendo entre este período e a ocupação romana imperial uma descontinuidade que nos tem feito pensar em provável deslocalização do povoado sidérico durante a II Idade do Ferro.

Com uma topografia pouco interessante para um castro da II Idade do Ferro, o centro histórico

de Setúbal, se excluirmos a colina de Santa Maria, apenas ofereceria razoáveis condições para aquele assentamento no esporão sobranceiro à margem direita do esteiro do Livramento (colina de Nossa Senhora da Saúde), onde não têm sido realizadas operações de renovação urbana motivadoras de quaisquer intervenções arqueológicas. Porém, mais recentemente, na Rua Francisco Augusto Flamengo, nºs 10-12 e na Travessa de João Galo, nºs 4-4B, foram encontrados materiais atribuíveis aos séculos IV-I a. C., em ambos os casos descontextualizados, no primeiro em resultado de intensos processos de erosão e abarrancamento de vertentes (coluviões), e no segundo, misturados com areias da praia que constituíram a base da sequência estratigráfica. De destacar a presença de cerâmica de mesa afim da de tipo Kuass (Tavares da Silva *et al.*, 2014, Fig. 6, nº13) e de ânforas de tipo Mañá-Pascual A4 (grupos 11 e 12 de J. Ramon)⁵, e ainda da ânfora atribuível com algumas reservas à forma Dressel 1 (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 2014, Fig. 4), que assinala o período romano-republicano, tão bem representado, ao contrário do observado em Setúbal, no vizinho castro de Chibanes (Soares & Tavares da Silva, 2014).

Bibliografia

- Alarcão, J. (2011) – Os *Cornelii Bocchi*, Tróia e Salacia. In J. L. Cardoso, M. Almagro-Gorbea (eds.), *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor lusitano da Idade da Prata da literatura latina*. Lisboa-Madrid: Academia Portuguesa da História e Real Academia de la Historia, p. 323-347.

4 - A resiliência da metrópole de Gadir/Gades foi notável. A partir de meados do século V e durante o século IV a. C., encerrado o ciclo metalúrgico, reorganiza o seu papel como placa giratória do comércio mediterrâneo/atlântico, através do incremento da produção de preparados piscícolas. Tira partido da abundância de peixe nas águas atlânticas, transformando-se no principal abastecedor de salgas de peixe à escala do Mediterrâneo. Nos alvares do século III a. C., liberta-se do “asfixiante” imperialismo cartaginês, colocando-se voluntariamente na dependência de Roma, o que lhe permitiu continuar a exercer a sua influência regional, controlando o comércio atlântico-mediterrâneo.

5 - A cultura material da Idade do Ferro turdetana (sécs. V/IV-III/II a.C.) inclui entre outras importações, cerâmica de mesa tipo Kuass e ânforas Mañá-Pacual A4 que transportavam salgas de peixe produzidas na baía de Cádiz. Nas condições de jazida aberta de uma praia (Travessa de João Galo) apenas podemos considerar alguns elementos tipologicamente significativos que apontam para uma matriz cultural mediterrânea adentro da II Idade do Ferro.

- Arnaud, P. (2005) – *Les routes de la navigation antique: itinéraires en Méditerranée*. Paris: Éditions Errance.
- Avieno, R. (1992) – *Ora Marítima* (edição comentada por José Ribeiro Ferreira). Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- Bonifay, M. (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique*. Oxford: Bar Internacional Series 1301.
- Castelo-Branco, F. (1954) – O problema da identificação de Cetóbriga com as ruínas de Tróia de Setúbal. *Brotéria*, 58, p. 703-709.
- Castelo-Branco, F. (1963) – Aspectos e problemas arqueológicos de Tróia de Setúbal. *Ocidente*, 65, Lisboa.
- Coelho-Soares, A.; Tavares da Silva, C. (1978) – Ânforas romanas da área urbana de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 4, p. 171-201.
- Coelho-Soares, A.; Tavares da Silva, C. (1979) – Ânforas romanas da Quinta da Alegria (Setúbal). *Setúbal Arqueológica*, 5, p. 205-221.
- Costa, A. I. Marques da (1898) – Estudos sobre Tróia de Setúbal. 8. Edificações de Tróia. *O Archeologo Português*, 4, p. 344-351.
- Costa, A. I. Marques da (1930-1931) – Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal. Capítulo IV: Casa de habitação. *O Archeologo Português*, 29, p. 2-31.
- Costa, J. Marques da (1960) – *Novos elementos para a localização de Cetobriga. Os achados romanos da cidade de Setúbal*. Setúbal: Câmara Municipal.
- Desse-Berset, N.; Desse, J. (2000) – Salsamenta, garum et autres préparations de poisson. Ce qu’en disent les os. *Mélanges de l’École Française de Rome*, 112, p. 73-97.
- Detry, C.; Tavares da Silva, C. (2016) – Estudo zooarqueológico dos restos recuperados no estabelecimento industrial romano do Creiro (Arrábida, Setúbal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 19, p. 235-248.
- Djaoui, D. (2016) – The myth of ‘Laccatum’: a study starting from a new *titulus* on a Lusitanian Dressel 14. In I. V. Pinto, R. R. de Almeida, A. Martin (eds.), *Lusitanian amphorae: production and distribution*. Oxford: Archaeopress, p. 117-127.
- Edmondson, J. C. (1987) – *Two industries in Roman Lusitania. Mining and garum production*. Oxford: BAR International Series 362.
- Encarnação, J. D. (1984) – *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Étienne, R. (1990) – Que transportaient donc les amphores lusitaniennes? In A. Alarcão, F. Mayet (eds.), *Ânforas lusitanas. Tipologia, produção, comércio. Actas da Mesa-redonda de Conímbriga, 1988*. Conímbriga: Museu Monográfico de Conímbriga e E. de Boccard, p. 15-19.
- Étienne, R.; Mayet, F. (1993-94) – La place de la Lusitanie dans le commerce méditerranéen. *Conímbriga*, 32-33, p. 201-218.
- Étienne, R.; Mayet, F. (2000) – *Les salaisons et sauces de poissons hispaniques*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Étienne, R.; Makaroun, Y.; Mayet, F. (1994) – *Un grand complexe industriel à Tróia (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Fernandes, J. A. de Carvalho (1975) – *Tesouro monetário romano da área urbana de Setúbal*. Lisboa: Editora Gráfica Portuguesa, Lda.
- Ferreira, F. Bandeira (1959) – O problema da localização de Cetóbriga. Seu estado actual. *Conímbriga*, 1, p. 41-70.
- Ferreira, F. Bandeira (1971) – A propósito do nome de Achale ou Acale da Ora Marítima de Avieno. *Revista de Guimarães*, 69, p. 437-444.
- Freitas, C.; Andrade, C. (2008) – O estuário do Sado. In J. Soares (coord), *Embarcações tradicionais. Contexto físico-cultural do estuário do Sado*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, p. 21-29.
- Gabriel, S.; Tavares da Silva, C. (2016) – Fish bones and amphorae: new evidence for the production and trade of fish products in Setúbal (Portugal). In I. V. Pinto, R. R. de Almeida, A. Martin (eds.), *Lusitanian amphorae: production and distribution*. Oxford: Archaeopress, p. 111-116.
- Gallazi, C.; Krämer, B.; Settis, S. (2008) – *Il papiro di Artemidoro*. Milão: LED.

- González Herrero, M. (2011) – La figura de *L. Cornelius L. F. Gal. Bocchus* entre los *Praefecti Fabrum* originários de Lusitania. In J. L. Cardoso, M. Almagro-Gorbea (eds.), *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor lusitano da Idade da Prata da literatura latina*. Lisboa-Madrid: Academia Portuguesa da História e Real Academia de la Historia, p. 245-258.
- Hughen, K. A.; Baillie, M. G. L.; Bard, E.; Bayliss, A.; Beck, J. W.; Bertrand, C.; Blackwell, P. G.; Buck, C. E.; Burr, G.; Cutler, K. B.; Damon, P. E.; Edwards, R. L.; Fairbanks, R. G.; Friedrich, M.; Guilderson, T. P.; Kromer, B.; McCormac, F. G.; Manning, S.; Bronk Ramsey, C.; Reimer, P. J.; Reimer, R. W.; Remmele, S.; Southon, J. R.; Stuiver, M.; Talamo, S.; Taylor, F. W.; Plicht, J. van der; Weyhenmeyer, C. E. (2004) - *Radiocarbon*, 46, p. 1059-1086.
- Limão, F. (2010) – *Capitéis da Antiguidade Tardia em Portugal. Sécs. III/IV – VIII* (Tese de doutoramento). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 227-229.
- Maciel, M. J. (1996) - *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: Edição do Autor.
- Magalhães, A. P. (2014) – Uma cetária de Tróia escavada nos anos 50 do séc. XX. *Setúbal Arqueológica*, 15, p. 245-258.
- Mantas, V. G. (1999) – O espaço urbano nas cidades no norte da Lusitânia. In A. Rodríguez Colmenero (coord.), *Los orígenes de la ciudad en el noroeste hispánico. Actas del Congreso Internacional, Lugo, 1996*. Lugo: Diputación Provincial de Lugo, p. 355-391.
- Mayet, F. (2001) – Les amphores lusitaniennes. *Céramiques hellénistiques et romaines*, III. Paris: Presses universitaires Franc-Comtoises, p. 277-293.
- Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (1998) – *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (2000a) – La place de Tróia dans l'économie de l'Hispanie romaine. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida* (Trabalhos de Arqueologia, 14), p. 85-99.
- Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (2000b) - *L'établissement phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et sanctuaire*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (2002) – *L'atelier d'amphores d'Abul (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (2010) – Production d'amphores et production de salaisons de poisson: rythmes chronologiques sur l'estuaire du Sado. *Conimbriga*, 49, p. 119-132.
- Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (2016) – Roman amphora production in the lower Sado region. In I. V. Pinto; R. R. de Almeida; A. Martin (eds.), *Lusitanian amphorae: production and distribution*. Oxford: Archaeopress, p. 59-71.
- Mayet, F.; Schmitt, A.; Tavares da Silva, C. (1996) – *Les amphores du Sado (Portugal). Prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Pimenta, J.; Ferreira, M.; Cabrita, A. C. (2016) – The Roman kilns at Estrada da Parvoíce, Alcácer do Sal (Portugal). In I. V. Pinto, R. R. de Almeida, A. Martin, *Lusitanian amphorae: production and distribution*. Oxford: Archaeopress, p. 73-79.
- Pinto, I. V.; Magalhães, A. P.; Brum, P. (2011) – O complexo industrial de Tróia desde os tempos dos Cornélii Bocchi. In J. L. Cardoso, M. Almagro-Gorbea (eds.), *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor lusitano da Idade da Prata da literatura latina*. Lisboa-Madrid: Academia Portuguesa da História e Real Academia de la Historia, p. 133-167.
- Pinto, I. V.; Almeida, R. R.; Magalhães, A. P.; Brum, P. (2016) – Lusitanian amphorae at a fish-salting production centre: Tróia (Portugal). In I. V. Pinto, R. R. de Almeida, A. Martin (eds.), *Lusitanian amphorae: production and distribution*. Oxford: Archaeopress, p. 173-194.
- Reimer, P. J.; Baillie, M. G. L.; Bard, E.; Bayliss, A.; Beck, J. W.; Blackwell, P. G.; Bronk Ramsey, C.; Buck, C. E.; Burr, G. S.; Edwards, R. L.; Friedrich, M.; Grootes, P. M.; Guilderson, T. P.; Hajdas, I.; Heaton, T. J.; Hogg, A. G.; Hughen, K. A.; Kaiser, K. F. Kromer, B.; McCormac, G.; Manning, S.; Reimer, R. W.; Richards, D. A.; Southon, J. R.; Talamo, S.; Turney, C. S. M.; Plicht, J. van der; Weyhenmeyer, C. E. (2009) - IntCal09 terrestrial radiocarbon age calibration, 0-26 cal Kyr BP. *Radiocarbon*, 51, p. 1111-1150.
- Resende, A. de (1593) – *De Antiquitatibus Lusitaniae*. Évora.

- Rizzo, G. (2016) – Lusitanian amphorae in Rome. In I. V. Pinto, R. R. de Almeida, A. Martin (eds.), *Lusitanian amphorae: production and distribution*. Oxford: Archaeopress, p. 409-417.
- SAL- Sociedade Archeologica Lusitana (1850) – *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana*, 1. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SAL- Sociedade Archeologica Lusitana (1851) – *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana*, 2. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Schoeninger, M.; DeNiro, M. (1984) – Nitrogen and carbon isotopic composition of bone collagen from marine and terrestrial animals. *Geochimica et Cosmochimica Acta*, 48, p. 625-639.
- Soares, J. (1980) – *Estação Romana de Tróia*. Setúbal: Câmara Municipal de Grândola e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- Soares, J. (1997) – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. *Arqueologia* 97. *Al-madan*, 6, S. 2, p. 164-165.
- Soares, J. (2000) – Arqueologia urbana em Setúbal: problemas e contribuições. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida* (Trabalhos de Arqueologia, 14) p. 101-130.
- Soares, J. (2002) – MAEDS - Trabalhos arqueológicos: novas estratigrafias para a história de Setúbal. *Al-madan*, 11, S. 2, p. 250-251.
- Soares, J. (coord.) (2008) – *Embarcações tradicionais. Contexto físico-cultural do estuário do Sado*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (1986) – Ocupação pré-romana de Setúbal: escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, Setúbal, 1985* (Trabalhos de Arqueologia, 3), p. 87-101.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (2012) – Caetobriga: uma cidade fabril na foz do Sado. *Portugal Romano* (Revista de Arqueologia Romana), Ano 1 (2), Junho, p. 57-73.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (2014) – O projecto de investigação arqueológica “CIB” e a campanha de escavações Chibanes/2012. *Musa*, 4, p. 75-98.
- Stuiver, M.; Polach, H. A. (1997) – Discussion. Reporting of 14C data. *Radiocarbon*, 19. Tucson, p. 355-363.
- Stuiver, M.; Reimer, P. J. (1993) – Extended 14C data base and revised CALIB 3.0 14C age calibration. *Radiocarbon*, 35. Tucson, p. 215-230.
- Tavares da Silva, C. (1966) – Necrópole luso-romana de S. Sebastião (Setúbal). *Lucerna*, 5, p. 572-577.
- Tavares da Silva, C. (1989) – O Largo e a Igreja de Jesus de Setúbal: uma abordagem arqueológica. In *Convento de Jesus, 500 anos. Arqueologia e História*. Câmara Municipal de Setúbal, p. 5-21.
- Tavares da Silva, C. (1996) – Produção de ânforas na área urbana de Setúbal: a oficina romana do Largo da Misericórdia. In *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: CMS, p. 43-54.
- Tavares da Silva, C.; Cabrita, M. G. (1964) - Estações romanas da região de Setúbal. *Revista Cetóbriga*, 1 e 2.
- Tavares da Silva, C.; Cabrita, M. G. (1966) – O problema da destruição da povoação romana de Tróia de Setúbal. *Revista de Guimarães*, 76, p. 147-156.
- Tavares da Silva, C.; Coelho-Soares, A. (1980-81) – A Praça de Bocage (Setúbal) na Época Romana. Escavações arqueológicas de 1980. *Setúbal Arqueológica*, 6-7, p. 249-294.
- Tavares da Silva, C.; Coelho-Soares, A. (1987) – Escavações arqueológicas no Creiro (Arrábida). Campanha de 1987. *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 221-237.
- Tavares da Silva, C.; Coelho-Soares, A. (2006) – Produção de preparados piscícolas na Sines romana. *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 221-237.
- Tavares da Silva, C.; Coelho-Soares, A. (2014) – Pre-existências de Setúbal. A ocupação da época romana da Travessa de João Galo, n.ºs. 4-4B. *Simpósio Internacional de Produção e Comércio de Preparados Piscícolas Durante a Proto-história e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet* (Setúbal Arqueológica, 13), p. 101-122.
- Tavares da Silva, C.; Coelho-Soares, A. (2016) – Creiro

- (Arrábida): um estabelecimento de produção de preparados de peixe da Época Romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 19, p. 211-234.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida* (col. Parques Naturais, 15). Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (1993) – *Ilha do Pessegueiro. Porto romano da costa alentejana*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Coelho-Soares, A. (1986) – Fábrica de salga da Época Romana da Travessa de Frei Gaspar, Setúbal. *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, Setúbal, 1985* (Trabalhos de Arqueologia, 3), p. 155-160.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. ; Wrench, L. N. C. (2010) – Os primeiros mosaicos romanos descobertos em Caetobriga. *Musa*, 3, p. 149-164.
- Tavares da Silva, Carlos; Soares, Joaquina; Wrench, Lúcia Nunes Correia (2015) - Mosaicos romanos de Setúbal. Exemplo de excelência da arte musiva urbana na periferia do mundo romano ocidental. *Actas do Encontro Portugal-Galiza: Mosaicos Romanos*. Lisboa: Associação Portuguesa para o Estudo e Conservação do Mosaico Antigo.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Beirão, C. de M.; Dias, L. F.; Coelho-Soares, A. (1980-81) – Escavação arqueológica no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6-7, p. 149-218.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Coelho-Soares, A., Duarte, S.; Godinho, R. M. (2010) – Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Francisco Augusto Flamengo, nºs 10-12. *Musa*, 3, p. 165-178.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. ; Coelho-Soares, A., Duarte, S.; Godinho, R. M. (2014) – Preexistências de Setúbal. 2ª campanha de escavações arqueológicas na Rua Francisco Augusto Flamengo, nos. 10-12. Da Idade do Ferro ao Período Medieval. *Musa*, 4, p. 161-214.
- Viegas, C. (2016) - O sítio romano da Comenda: novos dados sobre a campanha de 1977. In A. Sousa, A. Carvalho, C. Viegas (eds.), *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a deusa. Estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves* (Estudos & Memórias, 9). Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 439-465.
- Viegas, J.R.; Soares, J. (1980) – *Estação arqueológica da Quinta da Comenda (Setúbal)*. Relatório da campanha de escavações em 1977. Lisboa: Arquivo da DGPC.
- Vizcaíno Sánchez, J. (2009) – La presencia bizantina en Hispania (siglos VI-VII). La documentación arqueológica. *Antigüedad y Cristianismo*, 24. Murcia: Universidad de Murcia.
- Xaro, G. (1860) – Amphora de barro grosseiro de um metro de altura, achada nas ruínas da antiga Cetobriga. *Archivo Pittoresco*, 3, p. 376.